

**Samantha Mesojedovas**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS – FFLCH**  
**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**REFLEXÕES SOBRE REPRESENTAÇÕES DOS POLICIAIS**  
**NAS MANIFESTAÇÕES DE 2013**

**Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de**  
**Letras Modernas – DLM**

**São Paulo**

**2015**



**Samantha Mesojedovas**

**REFLEXÕES SOBRE REPRESENTAÇÕES DOS POLICIAIS  
NAS MANIFESTAÇÕES DE 2013**

Trabalho referente à disciplina optativa Trabalho de Graduação Individual (TGI) do curso de Inglês, apresentado ao DLM da FFLCH – USP e desenvolvido sob a orientação de Elizabeth Harkot-de-la-Taille.

**São Paulo**

**2015**

**Samantha Mesojedovas**

**REFLEXÕES SOBRE REPRESENTAÇÕES DOS POLICIAIS  
NAS MANIFESTAÇÕES DE 2013**

Trabalho referente à disciplina optativa Trabalho de Graduação Individual (TGI) do curso de Inglês, apresentado ao DLM da FFLCH – USP e desenvolvido sob a orientação de Elizabeth Harkot-de-la-Taille.

Aprovado em: 27 de fevereiro de 2015.

**Banca Examinadora**

Prof.a Dr.a	Lineide do Lago Salvador Mosca	
Instituição	<u>FFLCH-USP</u>	<u>DLCV</u>
Prof.	Marcos Rogério Martins Costa	
Instituição	<u>FFLCH-USP</u>	<u>DL</u>
Prof.a Dr.a	Elizabeth Harkot-de-La-Taille (presidente)	
Instituição	<u>FFLCH-USP</u>	<u>DLM</u>
		

Agradeço a Jaime Cará Junior  
o amor, a inspiração e a paciência e  
a Elizabeth Harkot-de-la-Taille  
a orientação, a ajuda e o apoio.

*“Take nothing on its looks; take everything  
on evidence. There’s no better rule.”*

Charles Dickens

## RESUMO

As manifestações de junho de 2013 tiveram um papel significativo do ponto de vista social, no sentido de que houve uma grande mobilização popular e de que ficaram em evidência a figura do policial e seu papel na sociedade. O objetivo deste trabalho é analisar a polarização das diferentes representações das imagens do policial militar afirmada mais intensamente durante a época dos protestos. Tomamos como princípio teórico a semiótica francesa, que nos guiou nos processos de produção de sentido através da figurativização e tematização do *corpus*. Pelo contraste eufórico e disfórico de valores, pudemos observar recorrências, que nos permitiram generalizações com relação às imagens analisadas. Além disso, a partir da análise, refletimos sobre o papel do policial e sua relação com as manifestações e o nosso modo de vida.

**Palavras chave:** polícia, imagem, violência, sociedade, estereótipos, semiótica francesa.

## **ABSTRACT**

The protests of June, 2013 played a significant role from the social point of view, in the sense that there was great popular mobilization, and that the representations of Brazilian police and its role in the society were highlighted. The aim of this paper is to analyze the polarization of the different images of Brazilian police emphasized during the period of the protests. The analysis is based on French semiotics concepts, which guided us through the processes of making meaning out of the figurative and thematic analysis of the *corpus*. By contrasting euphoric and dysphoric elements, we were able to observe recurrences, which allowed us to make generalizations in relation to the images analyzed. Furthermore, based on the analysis, we reflected on the Brazilian police's role and its relations to the protests and our way of life.

**Keywords:** police, image, violence, society, stereotype, French semiotics.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	16
<b>OBJETIVOS GERAIS</b> .....	18
<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b> .....	19
<b>METODOLOGIA DE PESQUISA</b> .....	20
<b>Perspectiva teórica</b> .....	20
<b>Obtenção do corpus</b> .....	25
<b>ANÁLISE</b> .....	27
<b>Métodos de análise</b> .....	27
<b>O ‘ser’ policial</b> .....	29
<b>O ‘fazer’ policial</b> .....	34
<b>O ‘dever-ser’ policial</b> .....	38
<b>O ‘dever-fazer’ policial</b> .....	41
<b>DISCUSSÃO DE DADOS</b> .....	46
<b>Breve panorama das manifestações e tensões</b> .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>As imagens do policial</b> .....	49
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	51
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	53
<b>ANEXOS</b> .....	54

## INTRODUÇÃO

No final de maio de 2013, o prefeito de São Paulo anunciou que no dia 2 de junho o preço da tarifa da passagem de ônibus aumentaria de 3,00 reais para 3,20. A partir desse momento, o MPL, Movimento Passe Livre, começou a organizar manifestações populares contra esse aumento através de redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*.

O Movimento Passe Livre é um movimento social, horizontal, independente, autônomo e apartidário, que luta pela gratuidade do transporte público. O MPL se formou através de revoltas populares que aconteceram em outras cidades contra o aumento das tarifas das passagens de ônibus. Em Florianópolis, o movimento foi vitorioso por dois anos seguidos, pois revogaram o aumento das tarifas com a população nas ruas. Em 2005, durante o Fórum Social Mundial, vários grupos de diversas cidades que já lutavam pela gratuidade e melhoria do transporte público se reuniram e criaram um movimento social que englobaria todas essas lutas. O movimento foi, por muitos, considerado inovador, por falar da sociedade para a sociedade e por não ser dirigido primária e exclusivamente ao governo. Ao invés de apresentarem discussões muito genéricas, como o fim do capitalismo, o fim da corrupção, etc., lutam por uma questão específica, a gratuidade do transporte público.

No entanto, os participantes das manifestações não eram somente membros e simpatizantes do MPL. O grupo era bastante heterogêneo, composto por membros de diferentes partidos políticos de esquerda, grupos apartidários e por adeptos de uma tática conhecida como *black blocs*. Esse último não é um grupo político nem uma organização, é uma tática, de ideologia anarquista. Eles se misturam, mascarados e vestidos de preto, em manifestações públicas e de teor político. Buscam desafiar a ordem, atacando propriedades privadas como meio de chamar a atenção para sua oposição aos 'símbolos' do capitalismo. Os manifestantes que não se utilizaram dessa tática culpam, em parte, os *black blocs* pela ação policial violenta durante os protestos.

Seis de junho foi o dia em que ocorreu a primeira grande manifestação popular contra o aumento das tarifas das passagens, seguida por diversas manifestações nos dias seguintes. As manifestações do dia 11 ficaram marcadas por ter sido o primeiro dia com maiores confrontos entre manifestantes e policiais militares. O protesto começou calmo, sem violência. No entanto, quando os manifestantes se dirigiram ao Terminal Parque Dom Pedro, localizado na região central da cidade, os confrontos se iniciaram. Segundo a polícia, houve uma quebra no acordo entre polícia militar e manifestantes, o que teria sido o motivo da violência policial. Nesse dia, a tática *black bloc* agiu com bastante intensidade, principalmente na região da Avenida Paulista e centro da cidade, quebrando lojas, bancos, e ateando fogo pelas mesmas regiões. Quando os manifestantes retornaram à Avenida Paulista, houve novamente um confronto com policiais. Porém, dessa vez, o confronto foi mais intenso e violento, no qual a polícia militar se utilizou de bombas de gás lacrimogênio, tiros de balas de borracha e realizou prisões, tanto de manifestantes, quanto de transeuntes e jornalistas. Muitos manifestantes, jornalistas e policiais militares ficaram feridos. Na imprensa, as ações dos manifestantes nessa data foram tidas como atos de “deprecação e vandalismo”.

O cenário inicial das manifestações do dia 13 já seria diferente, uma vez que a polícia militar já havia recebido ordens de não dar liberdade aos manifestantes para protestarem. O caos se instaurou pelas ruas da cidade em um confronto claro entre manifestantes e policiais da tropa de choque da polícia militar de São Paulo. Manifestantes gritavam “Não à violência” e recebiam em troca bombas de gás lacrimogênio, tiros de balas de borracha, *spray* de pimenta e prisões. Segundo a polícia, houve novamente quebra da ordem, motivo pela intervenção policial.

Durante o período de manifestações, espalhou-se pela Internet a informação de que vinagre cortaria o efeito nocivo do gás lacrimogênio. Nesse período, a polícia militar realizou inúmeras prisões de manifestantes devido ao porte de vinagre durante os protestos. Esse episódio se tornou cômico, e ficou

conhecido como “V de Vinagre”<sup>1</sup>. Seria essa, então, a forma de manter a ordem? Através da apreensão de suspeitos que portam vinagre em suas mochilas? “No Brasil, o sistema público é despreparado num todo. É despreparada a escola, é despreparado o hospital... A polícia não poderia ser diferente disso.”<sup>2</sup> Essa frase de Dimenstein sumariza a opinião de muitos sobre a ação policial durante as Manifestações dos 20 centavos. De fato, a atitude tomada pela polícia, em prender pessoas portando vinagre, mostra, no mínimo, que há um despreparo desses oficiais.

Conforme a violência foi aumentando durante os protestos, aumentou também a cobertura da mídia nacional e internacional. Entretanto, o posicionamento da mídia nacional oscilou muito durante os confrontos. No início, a imprensa retratava que a ação policial estava correta, pois se tratava de um grupo, uma minoria de “vândalos” da classe média, e que a repressão policial deveria ser mais intensa. Em seguida, começou a denunciar a excessiva violência policial contra os manifestantes. Essa situação nos leva a questionar o porquê dessa oscilação. Afinal, de que lado está a imprensa: do jornalismo que retrata ‘os fatos’ ou da notícia sensacionalista que dá o maior ibope e que vende mais?

Surgiu a partir desse momento, também, o chamado “jornalismo cidadão”, uma rede de jornalismo colaborativo e independente. A população, tanto a envolvida nos protestos quanto a que acompanhava de longe, registrou tudo com seus celulares. A difusão desses materiais através das redes sociais foi imensa, e o repúdio às ações policiais, maior ainda. Câmeras amadoras registraram as ações violentas, os nomes ocultos nas fardas dos policiais, manifestantes que protestavam com seus rostos cobertos e que também praticavam a violência.

No dia 17, os manifestantes, dessa vez mais de um milhão de pessoas nas ruas, atravessaram a cidade de São Paulo em direção ao Palácio dos Bandeirantes. Nesse mesmo dia, houve manifestações de grande adesão popular em outras capitais e cidades grandes ao redor do país e do mundo, como Nova York, Londres, Dublin e Paris. O movimento teve um lado bastante

---

<sup>1</sup> Menção ao filme “V de Vingança”, lançado em 2005, famoso por sua crítica à opressão de governos.

<sup>2</sup> Gilberto Dimenstein, jornalista brasileiro, no documentário “Junho”.

positivo, devido ao grande número de manifestantes nas ruas. No entanto, a melhor qualidade de algo é, geralmente, seu pior defeito. Devido a esse grande número de manifestantes, havia, conseqüentemente, muitos grupos distintos juntos, como membros de diferentes partidos políticos de esquerda, *black blocs*, grupos anarquistas, diversos grupos apartidários. Por isso, ao invés de o movimento unir esses grupos devido à causa em comum, ocorreu uma difusão de pautas. Essa diferença de lutas foi justamente o que ajudou a instaurar, novamente, o caos na cidade de São Paulo. Houve desentendimento entre os grupos envolvidos. A violência não partiu apenas dos policiais. Manifestantes jogaram pedras em viaturas policiais, além das depredações de patrimônios e da violência e discussões entre eles.

No dia 18, o foco da manifestação se difundiu, levando ainda milhares de manifestantes às ruas. As pautas levadas aumentaram, abrangendo agora não só o aumento da tarifa da passagem do ônibus. Havia, então, diversos grupos que se dirigiram a lugares diferentes da cidade. Parte do movimento tentou invadir o prédio da Prefeitura, causando um confronto extremamente violento com a GCM, Guarda Civil Metropolitana. A situação fugiu ao controle tanto da GCM quanto do movimento, e então, a tropa de choque da polícia militar foi chamada. Enquanto a tropa de choque não chegava (demorou cerca de duas horas para chegar ao edifício da Prefeitura), houve uma completa ausência policial, principalmente no centro da cidade, o que instaurou um verdadeiro caos na cidade. Mais propriedades públicas e privadas foram depredadas, fogo foi ateado em veículos da imprensa, um grande número de lojas foi destruído e saqueado. Talvez essa ausência policial tenha sido proposital. A ação da polícia era alvo de tantas reclamações e críticas, tantos pedidos pela sua extinção, que talvez quisessem mostrar à população qual seria o resultado de sua extinção: mais violência, mais insegurança, um verdadeiro caos.

Após o completo caos instaurado na cidade no dia anterior, no dia 19 o governador do Estado, Geraldo Alckmin, juntamente com o prefeito Fernando Haddad, anunciaram a revogação do aumento da tarifa da passagem de ônibus. Eles anunciaram, ainda, que haveria a necessidade do corte de investimentos, alegando que as empresas de transporte não teriam como

suportar a diferença de valores. De fato, não ocorreram apenas cortes em investimentos, mas também aumento de impostos, por exemplo, em outubro de 2013, quando houve aumentos de até 20% no IPTU em São Paulo.

É natural que, durante a mobilização popular e após a revogação do aumento das tarifas, que era a luta inicial do movimento, os diversos grupos quisessem levar às ruas suas diversas pautas. No dia 20 de junho, último dia de manifestações organizadas pelo MPL, não houve grande necessidade de intervenção policial em São Paulo, já que os próprios manifestantes pareciam não se entender. Entre os diversos grupos mencionados anteriormente que faziam parte dos protestos – grupos apartidários, membros de diversos partidos de esquerda, *black blocs*, e os próprios membros do MPL –, além da adesão de grupos de extrema direita, houve bastante desentendimento, e podemos dizer até violência, principalmente entre os grupos políticos apartidários e os membros de partidos de esquerda. Já em Brasília, um grande número de manifestantes foi em direção ao Congresso Nacional não com a intenção de protestar pacificamente, mas de depredar o edifício. A polícia não conseguiu conter os manifestantes, e os desviou ao Palácio Itamaraty, onde quebraram vidros e atearam fogo.

A luta pela gratuidade do transporte ficou, então, em segundo plano, uma vez que o aumento já havia sido revogado. As pautas trazidas agora pelos manifestantes eram outras – contra os impostos abusivos, contra a PEC 37, contra a corrupção do governo, melhoria na saúde e na educação públicas, contra a Copa do Mundo no Brasil. Essas pautas “têm um quê um pouco superficial, a favor da educação, saúde, contra a corrupção, isso aqui é protesto de quem não tem formação política.”<sup>3</sup> É natural que surja essa luta por pautas “superficiais”, uma vez que os manifestantes tiveram sua vontade atendida com a revogação do aumento das passagens. É interessante ressaltar também que essa alienação política é bastante perceptível, no sentido de que, mesmo lutando por questões superficiais, manifestantes sequer sabiam porque estavam ali. No documentário *Junho – o mês que abalou o Brasil*, quando questionada o que era a PEC 37, uma manifestante não soube responder. Isso

---

<sup>3</sup> Leonardo Sakamoto, jornalista e blogueiro brasileiro, no documentário “Junho”.

põe em cheque a legitimidade do movimento, no sentido de que seus manifestantes sequer sabem por que estão lutando.

A partir de então, as manifestações continuaram, um pouco mais enfraquecidas e descentralizadas e mais violentas da parte dos manifestantes, que pareciam não querer protestar, mas sim destruir patrimônios e instaurar a desordem, em diversas regiões da cidade.

No dia 26 de junho, houve uma grande manifestação popular na região sul da cidade, organizada não mais por membros do MPL, mas por moradores da periferia insatisfeitos com a segurança pública, com os gastos extravagantes com a Copa do Mundo, com o trânsito caótico da cidade, entre outros. No mesmo dia, em Brasília, manifestantes se reuniram na frente do Palácio do Planalto para protestarem contra a Copa do Mundo. Conforme a Copa se aproximava, os protestos contra ela iam aumentando em diversas cidades ao redor do país. No dia 26, dia de jogo do Brasil em Belo Horizonte pela Copa das Confederações, houve grande confronto entre manifestantes e polícia, mas a maior parte dos manifestantes conseguiu se manter unida e pacífica.

O que chamou a atenção de estudiosos e da mídia internacionais foi o fato de que, entre todos os países e entre todos os motivos que se tem para protestar, parte dos protestos era justamente contra o futebol. Não contra o esporte, mas contra uma instituição que se instalou no país e fez valer suas regras e vontades. Chamou a atenção da população, principalmente de classes mais baixas, a suntuosidade dos estádios. Isso os fez questionar a razão de haver investimentos em estádios em cidades em que sequer há um time de futebol, enquanto hospitais e escolas se encontram em situações precárias. Nessa época, a presidente Dilma Rousseff se justificou dizendo que o dinheiro utilizado na construção dos estádios foi financiado por empresas e que seriam devidamente pagos por elas.

A parte final das manifestações ficou marcada pela falta de consistência dos movimentos. Ficou marcada ainda pela violência, não apenas por parte policial, que tentava, como sempre, restaurar a ordem através de tiros de bala de borracha e bombas de gás lacrimogênio, mas também por parte dos

manifestantes que violentavam as ruas por onde passavam, destruindo, quebrando, ateando fogo.

Durante o período, através dos confrontos, a figura do policial e a questão da violência ficaram em evidência, compondo manchetes de notícias e chamando a atenção devido à polêmica causada pelo tema. As representações das imagens do policial foram polarizadas e estereotipadas. Nesse trabalho, refletimos sobre essas representações de imagens, utilizando-nos da teoria semiótica francesa, que nos serviu de norte para a análise das figuras e temas que compõem o *corpus*. A figurativização e a tematização nos permitiram o contraste de valores eufóricos e disfóricos. Através desse contraste, surgiram recorrências que nos ajudaram na reflexão sobre as imagens e o papel do policial.

## JUSTIFICATIVA

Faz parte do senso comum que nos relacionamos com o mundo de forma polarizada, principalmente na sociedade em que vivemos. Encontramo-nos sempre em uma das duas posições: ou amamos algo, ou odiamos. Essa é uma situação delicada, pois nem sempre as coisas são “preto no branco”. Existem os tons de cinza, diferentes tonalidades que moldam como nos vemos, como vemos o mundo e como nos relacionamos com o mundo.

Esse senso comum do amar-ou-odiar é especialmente comum quando falamos sobre temas polêmicos. A rivalidade entre os times de futebol, a intolerância religiosa, os discursos sobre política, o posicionamento com relação à polícia, artistas, governantes. Como exemplo, podemos citar a ação da polícia militar de São Paulo durante as manifestações populares de junho de 2013 na capital paulista. Enquanto acompanhava o caso, tanto na mídia impressa e digital quanto nas redes sociais, chamou minha atenção a reação das pessoas com relação à atitude dos policiais militares. De um lado, havia um grupo que defendia as agressões aos manifestantes, alegando ser esse o papel dos policiais. Do outro, um grupo que repudiava tais ações, que falava com aversão e ódio sobre o assunto.

Notei percursos argumentativos polarizados. Em um deles, o discurso pretendia convencer o público de que a polícia estava reagindo ou conduzindo ações a contento, cumprindo um papel positivo e importante, contribuindo para uma ideia específica do que significa ordem e para uma imagem eufórica do policial. Por outro lado, há uma construção de imagem disfórica, na qual há tentativa de persuadir os outros de que a polícia ‘atrapalha’ o movimento e atua contra a vontade coletiva, construindo outro conceito do que significa ordem e interesse coletivo. Essa polarização acaba estereotipando a imagem do policial e representa sua simplificação.

Pesquisas acadêmicas nos campos da ciência política e da sociologia buscaram discutir o papel do uso da força não letal, o controle da força letal utilizadas pela polícia em confrontos contra a população e a relação entre

classes populares e a punição aplicada pela polícia. Por outro lado, tais trabalhos mostram que há uma carência de pesquisas acadêmicas na área de estudos da linguagem sobre esse tema.

Nesse sentido, esta pesquisa encontra justificativa e pertinência em contribuir para a compreensão de uma forma crítica sobre (1) os estereótipos das imagens do policial, (2) o papel do policial na sociedade e (3) os fenômenos semelhantes envolvendo outras entidades socioculturais, além de auxiliar no rompimento com essas imagens idealizadas.

## **OBJETIVOS GERAIS**

Nesta pesquisa, buscamos compreender as diversas representações do policial militar a partir de comentários feitos tanto por civis quanto por policiais militares de diversos estados brasileiros, em um *post* de um blog policial. Esses comentários nos serviram de ponto de partida para uma análise do texto que nos levou a uma reflexão e a uma conclusão inicial sobre as representações do policial militar.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Este trabalho foi desenvolvido com os seguintes objetivos específicos:

- Contrastar aspectos eufóricos e disfóricos da tematização e da figurativização das imagens dos policiais;
- Procurar recorrências no *corpus* que permitam generalizações a partir dos processos de tematização e figurativização dos textos analisados;
- Refletir sobre o movimento das manifestações de junho de 2013 e sua relação com nosso modo de vida.

## METODOLOGIA DE PESQUISA

Nessa parte, vamos nos dedicar aos pressupostos teóricos levados em conta nessa pesquisa e, ainda, discorrer sobre a obtenção do *corpus*.

### Perspectiva teórica

Essa pesquisa possui como perspectiva teórica a semiótica greimasiana. A semiótica greimasiana tem por objetivo a abordagem do texto, ou seja, procura explicar o que o texto diz, e como o texto faz para dizer o que diz. Procura, então, compreender os sentidos do texto a partir da análise do plano do conteúdo. Este plano do conteúdo é concebido como um percurso gerativo de sentido, que é composto por três níveis: fundamental, narrativo e discursivo (Barros, 2010). Esses três níveis podem ser analisados separadamente, um é completo sem o outro. No entanto, funcionam como planos, onde um depende do outro no processo de construção do percurso gerativo. Cada um desses planos possui uma organização interna, sintática e semântica, complementar entre si.

A semântica fundamental abriga uma oposição de categorias semânticas que são o centro da construção de um texto. Essa oposição possui uma qualificação semântica eufórica e uma disfórica. A qualificação é eufórica ou disfórica de acordo com a maneira com que essa oposição é determinada pelo texto. Um elemento de uma oposição pode ser atribuído tanto a um valor eufórico quanto disfórico, dependendo da construção de sentido do texto. Ocorre, no texto, um percurso entre os elementos da oposição, abarcado pela sintaxe fundamental. Ela nos mostra as operações de asserção e negação dos valores que incidem sobre os textos. As operações podem se dar partindo do valor disfórico em direção ao eufórico; ou partindo do valor eufórico em direção ao disfórico.

disforia → não-disforia → euforia

euforia → não-euforia → disforia

Como o próprio nome já diz, o nível narrativo opera através da organização de uma “história”. De acordo com Barros, devemos tomar a sintaxe narrativa como uma simulação das transformações do homem sobre o mundo. Além disso, a narrativa é considerada uma:

“[...] mudança de estados, operada pelo fazer transformador de um sujeito que age no e sobre o mundo em busca dos valores investidos nos objetos; [...] sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário, de que decorrem a comunicação e os conflitos entre sujeitos e a circulação de objetos.” (Barros, 2010, p. 16)

Os enunciados da sintaxe narrativa são compostos por relações de estado, que indicam a relação de junção entre o sujeito e o objeto, e de fazer, que indicam a transformação do mundo realizada pelo sujeito através do objeto. O enunciado de estado se relaciona a um fazer determinado pela relação que o sujeito estabelece com o objeto. Segundo Barros, a junção “é a relação que determina o estado, a situação do sujeito em relação a um objeto qualquer, [...] que recebe investimentos de projetos e de determinações do sujeito” (Barros, 2010, p. 19). O sujeito pode se relacionar com o objeto através de relações de conjunção e disjunção. Os enunciados de fazer determinam a passagem de um estado de conjunção a um estado de disjunção e vice-versa.

As relações entre os enunciados de estado e de fazer nos sugerem um “modelo hipotético” (Barros, 2010, p. 36) da estrutura da narrativa. Esse modelo é dividido em quatro fases – manipulação, competência, performance e sanção.

Na primeira fase, ocorre uma manipulação de um sujeito sobre outro para levá-lo a um querer fazer ou a um dever fazer desejado pelo primeiro. Um sujeito pode manipular outro através de um pedido, ordem, tentação, intimidação, sedução e provocação (Fiorin, Elementos da Análise do Discurso, 1989, p. 30). A segunda fase se refere à competência que o sujeito detém para transformar o mundo. A fase da performance é em que de fato ocorrem as transformações

operadas pelo sujeito, realizando, então, a passagem do estado de conjunção para o de disjunção ou vice-versa. A fase da sanção ocorre quando a performance, a transformação já se realizou.

A semântica narrativa trata com mais detalhes a relação entre os elementos semânticos do nível fundamental e o sujeito. Esses elementos passam a ser vistos como **valores** detidos pelos objetos que se relacionam com o sujeito nos enunciados de estado. Tanto as relações dos enunciados de estado quando as relações do sujeito com o seu fazer podem sofrer modificações devido a determinações modais. Essas determinações modais podem ser de quatro modalidades diferentes – o *querer*, o *dever*, o *poder* e o *saber*. A modalização dos enunciados de estado é também conhecida como *modalização do ser*, enquanto que a dos enunciados de fazer é conhecida como *modalização do fazer* (Barros, 2010, pp. 42, 43).

Na modalização do fazer, dois aspectos devem ser destacados: o *fazer-fazer* trata da ação do sujeito que, ao transmitir valores modais ao destinatário, faz com que ele realize a ação desejada pelo sujeito; enquanto o *fazer-ser* é “a organização modal da competência do sujeito” (Barros, 2010, p. 43). Nessa última, dois tipos de modalidades podem se combinar: modalidades “virtualizantes”, que fazem parte da ‘consciência’ do sujeito (como o *dever-fazer* e o *querer-fazer*) e as modalidades “atualizantes”, que capacitam o sujeito para a ação a ser realizada (como o *saber-fazer* e o *poder-fazer*).

Na modalização do ser, devemos levar em conta dois prismas – um que trata da modalização veridictória, em que a relação do sujeito com o objeto pode ser verdadeira ou falsa, mentirosa ou secreta; e um que trata da modalização pelos valores modais incididos sobre os objetos (*querer*, *poder*, *dever* e *saber*).

Nas modalidades veridictórias, algo que *é* e que *parece ser o que é* é uma **verdade**; algo que *é* mas que *não parece ser* é um **segredo**, algo que *parece ser* mas que *não é* é uma **mentira** e algo que *não parece ser* e que *não é* é uma **falsidade**.

Nas modalidades do querer, saber, dever e poder, ocorre uma alteração da “existência modal do sujeito” (Barros, 2010, p. 46). Nesse tipo de modalidade, a relação do sujeito com os valores é modificada. Por exemplo, a relação de um sujeito com um objeto pode passar de não-dever ser a dever ser:

não-dever ser → não-dever não ser → dever ser

O nível discursivo, de acordo com Barros, “é o patamar mais superficial do percurso [gerativo], o mais próximo da manifestação textual” (Barros, 2010, p. 53). O sujeito transforma a narrativa em discurso, ou seja, transforma as estruturas narrativas em estruturas discursivas. O discurso é, portanto, a variável que concretiza a estrutura invariável da narrativa (Fiorin, Elementos da Análise do Discurso, 1989). Em outras palavras, a estrutura narrativa funciona como uma espécie de “esqueleto” do texto e esse molde, esse “esqueleto” não varia se mudar o gênero textual. O que muda é a estrutura discursiva, o invólucro desse esqueleto. No caso do blog, a estrutura narrativa é composta da seguinte forma:

O sujeito 1 está em conjunção com um determinado objeto-valor e quer levar os sujeitos (2, 3, 4... n) a também entrarem em conjunção com esse objeto-valor, usando sua competência ‘saber-escrever’, ‘saber-argumentar’. A performance é especificamente complexa no caso do blog porque os outros sujeitos (2, 3, 4... n) são alvos da manipulação do S1 e, ao mesmo tempo, sujeitos manipuladores. A sanção também é complexa nesse gênero porque é de difícil distinção em relação à manipulação de um outro sujeito. Aqui, os elementos discursivos vão variar de sujeito para sujeito.

O objetivo da sintaxe discursiva é:

“explicar as relações do sujeito da enunciação com o discurso-enunciado e também as relações que se estabelecem entre enunciador e enunciatário. O discurso define-se, ao mesmo tempo, como objeto produzido pelo sujeito da enunciação e como objeto de comunicação entre um destinador e um destinatário.” (Barros, 2010, p. 54)

O sujeito da enunciação é composto tanto pelo ‘eu’ quanto pelo ‘tu’ pressupostos, onde o ‘eu’ pressuposto é o enunciador e o ‘tu’ pressuposto é o enunciatário. O enunciador e o enunciatário são, respectivamente, o autor e o leitor implícitos no texto. Tanto o ‘eu’ quanto o ‘tu’ fazem parte do sujeito da enunciação, pois o ‘tu’ é levado em conta na produção do texto. “A imagem do enunciatário a quem o discurso se dirige constitui uma das coerções discursivas a que obedece o enunciador” (Fiorin, Elementos da Análise do Discurso, 1989, p. 56). Em outras palavras, uma mesma informação dará origem a textos diferentes, de acordo com seu público alvo.

A semântica discursiva, de acordo com Fiorin, “concretiza as mudanças de estado do nível narrativo” (Fiorin, Elementos da Análise do Discurso, 1989, p. 89). O sentido do texto pode ser concretizado de duas maneiras: através da tematização ou através da figurativização. Primeiramente, ocorre a tematização do nível narrativo. A partir daí, pode ocorrer ou não a figurativização.

A oposição entre tema e figura não deve ser tratada como uma simples oposição entre abstrato e concreto, mas sim como um espectro, que vai do mais abstrato ao mais concreto.

“A figura é o termo que remete a algo existente no mundo natural: árvore, vagalume, sol, correr, brincar, vermelho, quente, etc. Assim, a figura é todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural.” (Fiorin, Elementos da Análise do Discurso, 1989, p. 91)

Em outras palavras, a figura sempre irá nos remeter a algo (um objeto, uma ação ou um sentimento) que existe em nosso mundo.

“Tema é um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural, [...] organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural: elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso, etc.” (Fiorin, Elementos da Análise do Discurso, 1989, p. 91)

Ou seja, utilizamos os temas para organizar, categorizar, ordenar o mundo. Nesse sentido, as figuras descrevem o mundo, enquanto os temas o explicam.

Os discursos figurativos representam o mundo, agem como um “simulacro da realidade” (Fiorin, Elementos da Análise do Discurso, 1989, p. 91), enquanto os

temáticos procuram explicar, interpretar o mundo. Devemos ter em mente, no entanto, que os textos figurativos concretizam temas. A figurativização exerce um papel representativo de ideias que não podem ser representadas no mundo natural. Portanto, quando nos deparamos com um texto figurativo, devemos descobrir o tema que há por trás da figurativização.

Esse breve resumo teve por objetivo explicar, de forma bastante sucinta, os três níveis do percurso gerativo de sentido. Vimos aqui os níveis fundamental – o mais simples e abstrato; a significação mínima a partir da qual se constrói o sentido do texto –, narrativo – no qual uma narrativa é organizada através do ponto de vista de um sujeito – e discursivo – em que a narrativa é transformada pelo sujeito da enunciação.

## **Obtenção do corpus**

Em nossa pesquisa, deparamo-nos com diversas opções de textos para constituir o *corpus*, como notícias veiculadas pelas mídias virtual e impressa, entrevistas, charges, documentários, entre outros. Essas opções seriam escolhas interessantes para uma análise que tratasse de um ponto de vista institucional. No entanto, optamos por um *corpus* que contém textos que expressam a opinião popular – comentários feitos em um blog.

O *corpus* em questão foi obtido através de um blog policial. Nesse blog<sup>4</sup>, um *post* foi publicado por um policial militar referente à ação da polícia militar durante as manifestações ocorridas em junho de 2013 em São Paulo. Não faremos uma análise detalhada do texto do *post* em si por algumas razões. Uma delas é a exiguidade de espaço e tempo, uma vez que o gênero blog não é composto puramente por seus *posts*, mas também pelos comentários que os seguem, além de links para outras páginas, figuras, vídeos etc.. Analisar o todo extrapolaria o propósito desse trabalho. Além disso, encontramos nos textos dos comentários maiores possibilidades de análise.

---

<sup>4</sup> Post e comentários selecionados se encontram disponíveis no Anexo 1. Blog *Abordagem Policial – Diálogos sobre segurança pública*. <http://abordagempolicial.com/2013/06/carta-de-um-policial-nos-protestos-de-sao-paulo/> – último acesso em 30/01/2015.

O *post* nos ajudará a analisar o foco do nosso trabalho: seus comentários. Esses comentários foram realizados tanto por outros policiais (civis e militares de todo o país) quanto por civis. O conjunto de comentários é bastante extenso. Portanto, ainda por razões de exiguidade de tempo e espaço, reduzimos as quase 60 páginas de comentários a 35 comentários. Além disso, esse número representa a totalidade, devido ao grande número de repetição de conteúdos nos outros comentários. Eles manifestam a opinião popular e policial com relação à figura do policial e às suas ações ao longo das manifestações populares que ocorreram em São Paulo em junho de 2013.

# ANÁLISE

## Métodos de análise

Nesta parte fazemos uma análise semiótica dos comentários feitos no blog. Conforme discutimos anteriormente, esses comentários constituem um conjunto de textos que foram feitos a partir de um *post* inicial. Esse *post* é sobre a perspectiva de um policial sobre a ação dos policiais militares nas manifestações populares ocorridas em São Paulo em junho de 2013. Os comentários manifestam opiniões com relação às ações policiais, além de outros temas que não cabem nesse trabalho.

Ao analisar esse texto, nosso objetivo é refletir sobre elementos que possam contribuir para a compreensão da formação de algumas imagens do policial militar. Para tanto, procuramos identificar no *corpus* aspectos da tematização e da figurativização dessas imagens para contrastar, primariamente, seus aspectos positivos e negativos.

Os comentários são bastante polarizados. De um lado, há alguns que são extremamente favoráveis às imagens e às ações tomadas pelos policiais, por exemplo, ao fazerem explicitamente comparações com super-heróis. Por outro lado, há outros extremamente contrários às imagens e, talvez principalmente, às ações policiais, por exemplo, ao chamá-los de “assassinos”.

Ao longo da análise, algumas recorrências nos textos nos chamaram a atenção. Por isso, construímos categorias a partir dessas recorrências. Chegamos, primeiramente, a duas grandes categorias, e em seguida a subcategorias. As primeiras duas grandes categorias foram divididas em a) representações de fato, e em b) representações idealizadas relacionadas às imagens do policial militar encontradas nos comentários do *post*.

Compondo a categoria das representações de fato, foram encontrados aspectos que são representações concretas das imagens do policial militar. Esses aspectos se constituem tanto por características positivas e negativas

que fazem parte do 'ser' policial quanto por ações positivas e negativas que caracterizam o 'fazer' policial.

Compondo a categoria das representações idealizadas, foram encontrados traços que caracterizam imagens da idealização do policial militar. Esses traços são caracterizados tanto por aspectos positivos e negativos que *deveriam* fazer ou não parte do 'ser' policial quanto por aspectos positivos e negativos que *deveriam* ou não constituir o 'fazer' policial.

Dentro de cada uma dessas duas grandes categorias, criamos mais duas subcategorias. Dentro da categoria das representações de fato, encontramos atributos positivos e negativos que constituem o **ser** policial e ações positivas e negativas que constituem o **fazer** policial. Dentro da categoria das representações idealizadas, ou seja, características que não fazem parte da representação da 'realidade' das imagens do policial, encontramos, de um lado, atributos positivos que **deveriam** fazer parte do **ser** policial e atributos negativos que **não deveriam**. Do outro, ações positivas que **deveriam** constituir o **fazer** policial e ações negativas que **não deveriam**.

Além disso, dentro de cada uma dessas quatro subcategorias foram contrastados os comentários que representam as **perspectivas policiais** com as **perspectivas de civis**. Chegamos, assim, a um total de oito subdivisões. Na tabela de análise, ainda, os comentários e expressões eufóricos estão marcados com a cor azul, enquanto os comentários e expressões disfóricos estão marcados em vermelho. É importante ressaltar que os traços não foram distinguidos entre eufóricos e disfóricos por determinação axiológica. Nesse sentido, a figura "usar da força", por exemplo, pode deter valor eufórico ou disfórico, dependendo do sujeito da enunciação, de seus valores e de suas intenções. A tabela abaixo mostra a divisão das categorias e subcategorias acima descritas e ilustra com detalhes a figurativização e tematização concebidas durante a análise.

**Tabela 1 – Análise de tematização e figurativização do corpus**

**ELEMENTOS DA IDENTIDADE DO POLICIAL**

REPRESENTAÇÕES DE FATO				REPRESENTAÇÕES IDEALIZADAS			
SER		FAZER		DEVER-SER		DEVER-FAZER	
PERSPECTIVA POLICIAL	PERSPECTIVA POPULAÇÃO	PERSPECTIVA POLICIAL	PERSPECTIVA POPULAÇÃO	PERSPECTIVA POLICIAL	PERSPECTIVA POPULAÇÃO	PERSPECTIVA POLICIAL	PERSPECTIVA POPULAÇÃO
Parte da sociedade Soldados Não ser burros	Com armas e atirando a esmo como se estivessem no seriado The Walking Dead	Massacrar "legitimamente" pessoas	"Tocar" o terror Pegar ônibus e metrô	Profissionais Respeitado como policial	Extinta	Preservar a paz	Defender a população
Marionetes Cães adestrados Ser enxotado na sarjeta, velho e imprestável Ser tratado como cães raivosos	Refém do poder, assim como o cidadão Agentes sem autonomia para raciocinar Pessoas de bem; Honestos Trabalhadores; Solidários Somos todos irmãos	Defender o Estado	Agredir repórteres e pessoas que não estavam no protesto Jogar bombas e balas de borracha no protesto pacífico	Não ser ignorante ("não temos que ter viseiras")	Não ser um braço repressor do Estado Bem equipada Ser bem paga	Agir de acordo com a lei Agir com as medidas cabíveis quando há atos de vandalismo Agir com violência quando o manifestante parte para a agressão	Proteger Dialogar Usar a força para lidar com bandidos
Ser seres com sentimentos, angústias, medos e necessidades	Violenta; Truculenta; Despreparada; Covarde São defendidos pela população quando bandidos atacam	Cumprir ordens	Se achar rei só por vestir uma farda Arrotar truculência Auto glorificar por bater	Batman	Ser mais críticos	Defender o cumprimento da lei e a sociedade Agir quando o cidadão passa dos limites	Restaurar a ordem nem que seja pela força Respeitar mais a população
Gloriosa PM	Arrogância está na instituição		Oprimir direitos na base da borracha e da pimenta	Ser profissional	Extinta		Defender a população
Não ter bom senso Ser mal pago Ser 'pau mandado' Ser burro	Policiais de bem Estar preso em um jogo de leis e interesses Ser respeitado		Se achar donos do mundo quando colocam farda Ajudar o próximo Salvar vidas	Batman	Ser como os bombeiros		
Ser burros ("usar a massa encefálica ao invés dos músculos")	Despreparada Truculenta		Acabar com a manifestação Defender o Estado, não a população				Agir para colocar ordem
Autoritária	Intransigente Covarde		Agredir Gerar conflitos Abusar da autoridade				
	Ser mal pago Ser vingativo		Age como líquido inflamável em fogo				
	Parte da sociedade Submetido ao Estado		Deixar a farda para virar bandido				
	Incompetentes		Agem contra a população				
	Truculentos Burros (acéfalos)		Apedrejar Usar gás lacrimogênio e balas de borracha				
	Corajoso Ser uma função importante		Não transmitir segurança Torturar				
	Doentes mentais		Sobreviver do emprego				
	Policial honrado						
	Agressivos, brutais e covardes						
	Não são amados						
	Assustadores Truculentos						
	Reflexo da sociedade						
	Pessoas de bem empunhando						

■ Traços eufóricos      ■ Traços disfóricos

## O 'ser' policial

Dentre o 'ser' policial, de acordo com a perspectiva policial, os traços eufóricos e disfóricos são bem equilibrados. Há tanto a aceitação quanto a negação da máxima de que policiais são 'burros', por exemplo. Aqui, a negação constitui um traço eufórico, como na fala de S4: "somos soldados mas não somos burros"; enquanto a aceitação constitui um traço disfórico, como nas falas de S15: "precisamos usar mais a massa encefálica ao invés dos músculos" e de S18: "não é preciso ser muito inteligente para perceber [que somos paus mandados]".

Além disso, outros traços eufóricos são encontrados nas falas dos policiais que comentaram no blog. Na fala de S10: "se extinguir a gloriosa polícia militar, você vai pedir socorro a quem...?", "gloriosa" é tida como valor eufórico pelo sujeito.

É também parte constituinte da fala de policiais a tentativa de afastamento da dualidade policial vs. população, "nós" vs. "eles". Esse fato está presente nas falas de S4: "nós policiais também fazemos parte da sociedade" e de S20: "a polícia, ou melhor, o cidadão que tem como profissão ser policial..." e "somos seres, com os mesmos sentimentos, angústias, medos e necessidades". No entanto, a posição ocupada pelo policial impede que a relação "nós policiais" vs. "eles população" seja estabelecida de outra maneira. Isso se torna explícito em "nós policiais" e "a polícia, *ou melhor*, o cidadão...".

Entre os traços disfóricos encontrados nas falas dos comentários dos policiais, encontramos aspectos interessantes, como a figurativização de marionetes e animais. S14 diz: "os integrantes dessa força não toleram pessoas [...] que enxergam as cordas de marionetes que estão atadas aos nossos punhos. Somos meros cães adestrados [...] até o dia que somos enxotados na sarjeta...". Aqui, o sujeito se encontra em um estado de manipulação, no sentido corrente da palavra, de 'marionetes', e está ciente desse fato, pois afirma que policiais são apenas 'cães adestrados'. O fato de policiais pensarem que são manipulados está também evidente na fala de S18: "somos paus mandados". Essas falas nos transmitem a ideia de que a posição-sujeito que o policial deveria desempenhar não funciona como sujeito que detém o saber para manipular outros, mas é como se funcionasse como instrumento para a competência de outro sujeito hierarquicamente superior. É como se ele se

abstivesse de sua subjetividade e se tornasse um objeto ‘sem querer’. Talvez seja essa a razão de, no discurso do policial, a máxima da abstenção de responsabilidade por suas ações ser tão comum.

Ainda na primeira subcategoria, a do ‘ser’ policial, analisamos os comentários feitos por civis. Nessa subcategoria, podemos perceber que os traços disfóricos aparecem com mais evidência do que os eufóricos.

Como traço eufórico, chama-nos a atenção o fato de que não são apenas os policiais que se abstêm de responsabilidade por suas ações: parte da população também os abstém. Ilustramos esse argumento com as seguintes falas:

- S6: “[policiais] se viram presos em um jogo de leis arcaicas e interesses poderosos”  
S16: “esse mesmo polícia [...] está submetido ao Estado”  
S21: “a polícia é refém do poder”

Essas falas nos sugerem que os sujeitos dessas enunciações também tratam a posição-sujeito desempenhada pelo policial como se fosse instrumental, o que abstém, assim, o policial de suas responsabilidades. É interessante notar que aqui esse traço está inserido em um contexto eufórico, diferentemente da fala dos policiais, em que era considerado um traço disfórico em si. Além disso, a escolha de palavras sugere que, devido ao fato de os policiais se encontrarem nessa situação de ‘marionetes’, eles são colocados, nas falas desses sujeitos de enunciação, em uma posição de vítimas. Os policiais não têm outra escolha, a não ser desempenhar sua função, uma vez que estão “presos”, “submetidos” e “reféns”.

Outros traços eufóricos são encontrados nos comentários feitos por civis com relação ao ‘ser’ policial. Nos exemplos abaixo, podemos identificar civis que consideram policiais “pessoas de bem”, “corajosos” e que desempenham uma função que é valorizada.

- S6: “policiais de bem [...] a população respeita vocês”
- S21: “[policiais] são todos pessoas de bem, honestas, trabalhadoras e solidárias.”
- S24: “Você [policia]l autor do texto do blog] deve ser corajoso e uma pessoa com profundo senso de dever social, pois o trabalho de policiamento é uma função de enorme importância.”
- S25: “[o autor do texto] além de policial, um sujeito com consciência cidadã e honrado.”
- S32: “99% dos policiais são pessoas de bem.”

Nos comentários acima, os sujeitos da enunciação projetam a imagem, portanto, de policiais “de bem”. Para eles, o valor associado à profissão do policial é eufórico: todos os que cumprem essa função são “pessoas de bem”, “honestas”, que defendem a população quando necessário.

Nos traços disfóricos encontrados nos comentários de civis na subcategoria ‘ser’ policial, encontramos, principalmente, valores ligados à violência.

- S9: “O que vi ontem foi um bando de doente mentais...”

- S11: “Aqui se hospeda [...] a polícia mais despreparada e truculenta...”
- S12: “Como sempre as agressões e conflitos começam pela intransigência e abuso da autoridade da polícia.”
- S13: “como eles não podem ir à forra em cima do governo e dos seus superiores, o jeito é se vingar, partindo pra cima do cidadão...”
- S23: “qualquer topeira sabe que o que aconteceu na última quinta foi uma agressividade covarde brutal...”
- S27: “Avante contra a PM truculenta e acéfala.”
- S29: “temos uma polícia [...] assustadora, [...] truculenta...”
- S34: “minha opinião mudou ao ver a violência e truculência empregadas pela PM mostrada ontem na TV.”

Nos trechos de comentários acima, podemos conceber uma imagem de policiais que usaram de violência e truculência para conter os manifestantes durante os protestos. Isso fica evidente principalmente nos comentários feitos pelos S12, S23 e S34. Essa imagem é condizente com a imagem veiculada pela mídia na segunda fase dos protestos. Nessa fase, a mídia passou a cobrir os movimentos com maior intensidade e deixou de omitir as ações violentas da polícia nos confrontos com manifestantes.

Outro traço disfórico interessante encontrado nos comentários foi o de que a polícia é reflexo da sociedade. S30 diz: “É o reflexo do que é a sociedade, não adianta extinguir a polícia pois ela vem dessa sociedade truculenta a qual atea fogo em alguém por não ter dinheiro”. Essa máxima de que a polícia é violenta porque a sociedade é violenta é interessante, porém simplória. Existe outra maneira de a polícia agir se não com violência? Faz parte do uniforme policial algum tipo de arma: revólveres, cassetetes, *sprays* de pimenta, inclusive em países onde a taxa

de violência é baixa ou quase nula, como em países da Europa. Quando a polícia usa de violência contra bandidos ou pessoas que, segundo a concepção popular, 'mereçam', ninguém se mostra contra. O que tem de ser diferente não é a ação da polícia, mas sim a relação que ela estabelece com a população. No Brasil, a população, principalmente as classes mais baixas, tem medo da polícia, pois, ao invés de garantir a ordem pública, ela garante a ordem dos poderosos promovendo a repressão pública, coagindo e reprimindo, na base da violência ou simplesmente com sua presença.

Todos esses temas e figuras categorizados como 'ser' policial nos ajudam a começar a compreender a formação de suas imagens. Até esse ponto, temos uma imagem de um policial que deseja ocupar a posição-sujeito de cidadão. No entanto, não consegue, pois a posição ocupada por ele implica em um "nós policiais" e um "eles população", necessariamente. Ele está sujeito a um tipo de subordinação que silencia sua subjetividade, produzindo o efeito de como se esse sujeito fosse mero instrumento de outro sujeito hierarquicamente superior a ele. Além disso, parte da população os considera "pessoas de bem", seres equilibrados, enquanto por outra são considerados excessivamente violentos.

## O 'fazer' policial

Vejamos agora a subcategoria do 'fazer' policial. Na perspectiva do policial, há poucos ou quase nenhum traço disfórico em sua ação. Na fala de S4, percebemos a crítica à ação policial durante as manifestações: "É muito fácil massacrar 'legitimamente' pessoas que se reúnem para chamar a atenção do Brasil que algo está errado". No entanto, dentro do nosso *corpus*, essa é uma exceção à regra, ou seja, nos outros comentários de policiais a ação tomada pelos policiais é defendida, como veremos adiante.

Nos traços disfóricos, é retomada a teoria de que a posição ocupada pelo policial funciona como instrumento utilizado por outro sujeito hierarquicamente superior a ele. Nesses traços encontrados nos comentários, fica evidente no discurso dos sujeitos que os policiais são meros cumpridores de ordens. Como exemplo, podemos destacar trecho de comentário de S14, que diz: "Somos meros cães adestrados para

defender o dono (governo)...”. Através desse comentário, tem-se a ideia de que o governo ou mesmo os superiores ‘treinam’ os policiais como se fossem “cachorros”, com um único dever: defender o Estado.

Nos comentários feitos por civis, a distinção entre traços eufóricos e disfóricos é mais evidente. Dentre os poucos traços eufóricos vistos pela população, há a figura de herói, que protege e salva vidas e a figura de policiais que são ‘gente como a gente’, que utilizam transporte público e sobrevivem do seu emprego.

A figura do policial que detém o papel de herói na sociedade é bastante clara no comentário de S6: “Já aos policiais de bem, que entraram na polícia com o propósito de ajudar o próximo e salvar vidas, [...] a população respeita vocês.” Só seriam respeitados policiais que querem “ajudar o próximo e salvar vidas”, policiais-heróis. Os demais, que usam da violência ou que simplesmente não protegem, não seriam respeitados pela população.

A figura do policial que também age como cidadão é manifestada nos comentários de S1: “Os mesmos PMs que tocam o terror nos manifestantes são todos quebrados e precisam pegar busão e metrô pra ir pro trampo” e do S16: “este mesmo polícia faz parte desta sociedade e sobrevive do seu emprego...”. No primeiro comentário, o sujeito acha irônico que os mesmos policiais que ‘tocam o terror’ durante as manifestações não ganham um bom salário, ou seja, são “quebrados”, e precisam utilizar o transporte público para se dirigir ao trabalho. Esse sujeito se identifica, ao menos em parte, com o policial. Identifica-se com o fato de o policial ser “quebrado” e pegar “busão” para ir trabalhar, porém não se identifica com a violência exercida por ele nas manifestações. No segundo comentário, o sujeito também se identifica com o policial, na medida em que os dois fazem parte da mesma sociedade e sobrevivem de seus empregos.

Traços disfóricos são encontrados com mais frequência no discurso de civis. Duas recorrências são importantes para a análise. Temos um traço disfórico claramente relacionado à violência exercida pelo policial e outro relacionado às ações impulsionadas pela arrogância. Ambos remetem ao **excesso** cometido pelos policiais.

No quadro abaixo, foram encontradas figuras, como “tortura”, “borracha”, “pimenta”, “intransigência”, “abuso”, “gás lacrimogêneo”, “agressões”, “conflitos”, que nos remetem aos temas de defesa do Estado, opressão da população, terror nos manifestantes e agressão a repórteres. Essas figuras e temas traçam uma imagem de uma polícia que não tem como prioridade a segurança da população, e que se utiliza de meios violentos, como a própria força, balas de borracha e *sprays* de pimenta, para conter manifestações pacíficas, que agride, oprime e tortura.

- S1: “Os mesmos PMs que tocam o terror nos manifestantes...”
- S3: “quero ver quem o Estado vai mandar para oprimir direitos na base da borracha e da pimenta.”
- S4: “a polícia irá agir com todos os meios necessários para acabar com a manifestação. Ou seja, a prioridade da polícia é a defesa do Estado, não da população civil.”
- S12: “Como sempre as agressões e conflitos começam pela intransigência e abuso da autoridade da polícia.”
- S22: “Ultimamente as ações da polícia são muito mais contra a população do que a seu favor.”
- S26: “[o diálogo é] muito mais eficiente que gás lacrimogênio e bala de borracha”
- S29: “Temos uma polícia que mata de maneira assustadora, que age de maneira truculenta e, mesmo assim (ou melhor, por isso mesmo) não é capaz de dar sensação de segurança à maioria da população.”
- S29: “Nossa polícia tortura mais do que torturava na ditadura militar.”

S34: “Porque agredir repórteres? Pessoas que não estavam no protesto? Porque jogar bombas e balas de borracha primeiro se o protesto estava pacífico?”

S35: “A PM não age para colocar ordem, age como líquido inflamável em fogo.”

No segundo traço disfórico encontrado nos comentários feitos por civis, deparamo-nos com a imagem de um policial arrogante. Essa imagem é complementar à imagem do policial violento que agride e oprime. Ele utilizaria de sua posição para cometer atos violentos. O instrumento do qual se utiliza para exercer esse ‘privilégio’ é a farda, como vemos nos comentários a seguir. Do ponto de vista dos cidadãos, ao vestir a farda, os policiais deixam de ser cidadãos, ou seja, fazem com que a população deixe de se identificar com suas imagens, e se tornam brutos, truculentos.

S2: “Ainda vejo alguns nesse blog que se acham o rei só por vestir uma farda e ficam aqui arrotando sua truculência e se auto glorificando por bater.”

S6: “Saibam que vocês, que se acham donos do mundo quando colocam a farda, estão com os dias contados.”

Podemos depreender dos últimos parágrafos uma imagem de um policial que, segundo a percepção da população, possui hábitos semelhantes a qualquer outro cidadão. Isso faz com que os sujeitos da enunciação se identifiquem, em parte, com essa imagem: um policial que

desempenha um papel de herói na sociedade. Por outro lado, temos uma imagem de um policial que, movido pela arrogância e pela posição que ocupa, pratica atos de violência, o que faz com que a população deixe de se identificar com sua imagem.

Passemos agora para a categoria das representações do ideal das imagens do policial. Nessa categoria, distinguimos aspectos do 'dever-ser' e do 'dever-fazer' policial.

### **O 'dever-ser' policial**

Dentro da perspectiva policial, encontramos diversos traços eufóricos sobre o 'dever-ser' policial. Em sua percepção, o policial deve-não-ser ignorante, no sentido de não fechar os olhos para o que acontece à sua volta. Ele deve-ser profissional ao desempenhar sua função e ser respeitado por ela, além de cumprir o seu papel como herói da sociedade.

No primeiro aspecto, de dever-não-ser ignorante com relação ao que acontece ao seu redor, S4 se mostra favorável às manifestações: “Nossa missão é preservar a paz, porém não temos que ter viseiras, a população está brigando por um direito, coisa que deveria ser aplaudida”. Ao apoiar os protestos, “coisa que deveria ser aplaudida”, o sujeito não apoia o “uso da força para conter os manifestantes”. Ele deve manter a ordem, “preservar a paz”, mas não deve negar o fato de que os manifestantes estão lutando por um direito da população: “não temos que ter viseiras”.

O segundo traço eufórico, o de dever-ser profissional e de dever-ser respeitado por sua função, foi encontrado em dois comentários feitos por policiais. Nesses dois comentários, é interessante notar que “ser profissional” é usar da violência contra os manifestantes e “ser respeitado” puramente por ser policial e não por um respeito mútuo que poderia se esperar entre policiais e cidadãos.

S5: “Nós policiais temos que manter a postura o mais profissional

possível, [...] temos que agir de acordo com a lei, ou seja, defendemos os interesses da maioria e a legalidade. Atos de vandalismo deve ser tomada as medidas cabíveis. [...] Nós somos policiais e temos que ser respeitados como tal.

S17: “o policial [...] deve defender o cumprimento da lei e a sociedade, entretanto deve ser profissional, se o cidadão passa dos limites ele deve agir.”

Em ambos os comentários, os policiais estão em conjunção com o objeto-valor uso da força. De acordo com eles, essa é a maneira pela qual consegue “ser profissional”. De acordo com S5, justamente por serem profissionais, devem ser respeitados. Nesse sentido, o desejo do sujeito por respeito é que esse seja obtido através do simples fato de ele ser o policial e os cidadãos, não.

O último traço eufórico encontrado nos comentários de policiais é o de dever-ser o herói da sociedade. Nestes enunciados, o sujeito coloca sua posição como sendo a única opção disponível para a sociedade na situação da não existência de super-heróis.

S10: “Se extinguir a gloriosa polícia militar, você vai pedir socorro a quem quando estiver em perigo?! Vai ligar para o Batman?!”

S20: “Quem vai abordar um suspeito com rosas nas mãos? [...] Quando houver a necessidade de um auxílio policial, liguem para o Batman, para o super homem. Talvez eles os tratem

com buquês de rosas e sorriso aberto.”

No primeiro comentário, o sujeito coloca os policiais na posição de defensores, de quem salva a população quando há perigo. Ele diz que, caso a polícia militar seja extinta, não haverá ninguém mais para chamar em caso de perigo. Por essa razão, a “gloriosa polícia militar” não deve ser extinta.

No segundo comentário, o sujeito justifica a atitude policial alegando que seu auxílio é necessário. Novamente aqui temos a ideia de que, sem a ajuda policial, o único meio de defesa da população seria a ajuda de super-heróis. Esse comentário nos remete a ideia de ‘ruim comigo, pior sem’, que é utilizada na justificativa de seus atos pelo policial, ao mesmo tempo em que projeta uma imagem positiva de si, ao comparar-se a super-heróis.

A ausência de traços disfóricos nos transmite a ideia de que, na percepção dos policiais, eles são o que são e não devem-ser ou devem-não-ser nada mais. Sua imagem está formada e é assim que ela é. Isso mostra que estão satisfeitos com a imagem que projetam de si.

Nos comentários feitos pela população, o ‘dever-ser’ policial ganha características diferentes: ao invés de ter mais traços eufóricos, como nos comentários feitos por policiais, encontramos aqui mais traços disfóricos. Entre os traços eufóricos, temos aspectos que são de responsabilidade de outras entidades e não dos policiais em si e aspectos que seriam possíveis de serem alcançados, mas necessitariam de uma mudança no pensamento e, conseqüentemente, no discurso policial.

Entre os aspectos que cabem a forças externas aos policiais, encontram-se as questões de ordem material, como salário e equipamentos. De acordo com a percepção da população, a polícia deve-ser mais bem equipada e receber melhores salários. S26 alega que a população deve cobrar do governo “uma polícia cada vez melhor, bem equipada e com salários dignos”. De fato, esse ‘dever-ser’ não está ao alcance da polícia diretamente, mas nada os impede de lutar para conquistar esses direitos e caberia à população intervir em seu favor. Paralelamente, projetam uma imagem de polícia em **falta** de reconhecimento (salário, equipamentos).

Entre os traços eufóricos que estão ao alcance dos policiais em ‘dever-ser’, está a questão ligada à criticidade do ‘ser’ policial. S21 diz: “A polícia [...] precisa ver a coisa de modo mais crítico, mais abrangente”. Aqui, o sujeito deseja que o policial entre em conjunção com o objeto-valor ser crítico, não ser ignorante em relação ao que ocorre em sua volta.

O traço disfórico que a população projeta é sua extinção. S2 diz: “A PM deveria ser extinta e reaproveitar seus servidores como guardas municipais” e S31 diz: “A estrutura da PM não tem que mudar, ela tem é que ser extinta mesmo”. Nesses dois exemplos, seus sujeitos se encontram em desacordo. Observamos aqui que há uma relação de sujeito-antissujeito entre a população e a polícia.

Depreendemos da análise do traço ‘dever-ser’ policial que eles devem-não-ser ignorantes, devem conhecer os diversos lados das situações com as quais lidam em sua função. Devem-ser profissionais e, por isso, devem-ser respeitados pela população. Devem cumprir com o papel de herói, a única instituição que pode salvar e proteger a sociedade. Devem-ser mais bem equipados e receberem melhores salários, situações que estão além de sua posição. Devem-ser mais críticos com relação aos seus e aos atos da população. À parte de todos esses traços, devem-ser extinta.

## **O ‘dever-fazer’ policial**

A última das quatro subcategorias criadas nessa análise trata do ‘dever-fazer’ policial. Tanto nos comentários feitos por policiais quanto nos feitos por cidadãos não encontramos traços disfóricos. Foram encontrados apenas traços eufóricos que deveriam constituir o ‘fazer’ policial. É interessante notarmos que a maioria dos traços é comum aos comentários feitos por policiais e aos feitos pela população.

Nos comentários feitos pelos policiais, temos um ‘dever-fazer’ que se constitui pela preservação da paz, pela defesa do cumprimento das leis e pelo uso da força, quando justificada. Com relação à primeira, S4 defende a preservação da paz como função de sua profissão: “nossa missão é preservar a paz”. A preservação da paz é tida como missão, como essência da função do policial.

O policial também traz em seu discurso que defender o cumprimento das leis e defender a sociedade também fazem parte de sua função. S17 legitima a defesa do cumprimento de leis e a defesa da sociedade em “O policial [...] deve defender o cumprimento da lei e a sociedade”. A modalização dessa função está, inclusive, marcada em seu discurso em “*deve* defender”.

Os sujeitos S5 e S17 defendem o uso da força justificada, respectivamente, em: “manifestante que parte para agressão contra um policial não pode esperar outro tipo de reação a não ser violência” e “se o cidadão passa dos limites ele [o policial] deve agir. Quando você trabalha dentro da lei, não há o que temer”. Nesses dois comentários, os sujeitos da enunciação defendem o uso da força contra os manifestantes que “partem para agressão” e que “passam dos limites”. Além disso, de acordo com S17, “não há o que temer”, caso a violência seja justificada.

Nos comentários feitos pela população, temos um ‘dever-fazer’ policial que é constituído pela proteção, defesa e respeito pela população, pelo uso do diálogo, pela manutenção da ordem e pelo uso da força, quando essa for justificada. Como podemos notar, os traços eufóricos encontrados aqui são muito similares aos encontrados nos comentários feitos por policiais.

Os sujeitos euforizam os objetos-valor defesa e proteção e disforizam o objeto-valor uso da força nos comentários abaixo:

S22: “Ultimamente as ações da polícia são muito mais contra a população do que a seu favor. [...] Ser policial é servir, o mínimo que um policial deveria fazer é ler o Hagakure antes de entrar nessa profissão, e pensar que no caso, o senhor do policial é o povo.”

S23: “o que aconteceu na última quinta foi uma agressividade covarde brutal que não condiz com a garantia do bem estar da população.”

S26: “O cidadão quer e merece uma polícia que sirva para proteger e não para apedrejar. E esse deve ser o papel da polícia no seu exercício, seja em manifestações populares ou não: proteger...”

Esses comentários sugerem que, em concordância com os discursos dos policiais já analisados, parte fundamental da função de ser policial é defender e proteger a população. A menção ao Hagakure<sup>5</sup> traz mais intensamente essa ideia. De acordo com S22, os policiais teriam de servir a população, que seria o seu senhor. O fato de esse traço ter sido encontrado na subcategoria ‘dever-fazer’ policial nos mostra que o ‘fazer’ policial não está de acordo com o que se é esperado tanto por ele quanto dele. Em outras palavras, suas ações não são condizentes com a idealização de suas imagens.

Além da defesa e proteção, os cidadãos também desejam que os policiais os respeitem. E, através do respeito, esperam uma diminuição dos atos de violência. Isso fica explícito no comentário de S34, que diz: “tá na hora de respeitar mais os cidadãos, afinal não é só em protestos que assistimos isso [a violência]”. O sujeito euforiza o objeto-valor respeito e disforiza o objeto-valor atos de violência.

O último ponto, e talvez o mais delicado de se tratar, é o uso da força ‘justificada’. Nos comentários da população, como nos dos policiais, o uso da força justificada é um valor eufórico. É importante ressaltar a diferença, uma vez que, quando considerado sem justificativa, como no caso da violência contra os manifestantes durante os protestos, o uso da força passa a ser excessivo e tem valor disfórico nos discursos da população. Nos comentários analisados na subcategoria ‘dever-fazer’ policial, o uso da força se torna valor eufórico quando aplicada a determinados grupos. Esse argumento fica evidente através dos comentários abaixo:

---

<sup>5</sup> Filosofia japonesa que prega que o vassalo deve servir seu senhor de corpo e alma. Nesse caso, os policiais deveriam cumprir com o papel de vassalos e ter como senhores a população.

- S26: “E esse deve ser o papel da polícia: [...] manter a ordem garantindo a integridade de todos os cidadãos de bem. [...] Deixemos a truculência para lidar com verdadeiros bandidos que ofereçam risco à vida do policial.”
- S34: “Concordo que se deve restaurar a ordem nem que pela força...”

No primeiro comentário, fica clara a distinção de valores na concepção do sujeito. Quando cometida contra ‘cidadãos de bem’, a violência tem valor disfórico. Entretanto, “truculência” cometida contra “verdadeiros bandidos” se torna valor eufórico. No segundo comentário, o sujeito euforiza a violência. Para ele, a ordem deve ser mantida, nem que para isso seja necessário o uso da força pelos policiais, uma vez que a força é objeto de uso para a obtenção do objeto-valor ordem.

Dos últimos parágrafos, podemos depreender uma imagem de um policial que deve proteger e defender a população. Deve manter a ordem. Além de dever fazer uso da violência, tanto do ponto de vista dos policiais quando da população. No entanto, para a população, essa violência deve ser justificada, e, preferencialmente, empregada a certos grupos, enquanto a outros, não.

Nosso objetivo com essa análise foi refletir sobre elementos que possam nos ajudar a compreender a formação de algumas imagens do policial militar. Através da tematização e figurativização do *corpus*, conseguimos obter, sob o prisma da perspectiva policial e da população, alguns aspectos recorrentes em diversos discursos que contribuíram para o esboço de algumas imagens do policial.

De acordo com a análise dos comentários, pudemos esboçar uma imagem de um policial que deseja ocupar a posição-sujeito de cidadão. Entretanto, não é possível, uma vez que a posição ocupada por ele implica, necessariamente, em um “nós policiais” e um “eles população”.

Com relação a isso, alguns cidadãos se identificam com a imagem do policial, no sentido de ambos terem hábitos cotidianos semelhantes, como utilizar o transporte público. Um policial que tem sua subjetividade silenciada, produzindo o efeito de que cumpre o papel de instrumento para a realização da performance de outro sujeito hierarquicamente superior a ele. Um policial que é visto como o herói da sociedade, e que deve desempenhar esse papel com humildade, protegendo e defendendo a população. Um policial que é movido pela arrogância e que faz uso da posição que ocupa para cometer atos de violência. Um policial que deve ter consciência crítica e deve ter uma postura profissional. Um policial que exige e impõe respeito através da arrogância. Um policial que deve manter a ordem. Um policial que detém o direito de usar da força, contanto que ela seja empregada contra quem 'mereça' e não contra 'pessoas de bem'.

## DISCUSSÃO DA ANÁLISE

A análise das representações dos policiais nos mostra que não há apenas dois lados nessa ou em qualquer outra situação. Não podemos tratar essa questão através de um prisma maniqueísta, onde há o bem e há o mal. Devemos tentar enxergar três lados, no mínimo – e talvez o terceiro seja o mais difícil de enxergar, pois não é claro e óbvio; é distorcido por nossa perspectiva moral. O policial está certo ou errado por abusar da violência? Aliás, ele está, de fato, ‘abusando’ da violência ou apenas cumprindo com sua função? E o manifestante que depreda, saqueia e atea fogo está mesmo manifestando, lutando por algo? Ou será que nessa equação não caiba certo nem errado, mas sim o necessário, conforme o pensamento da moral utilitarista? Talvez, sem a ação da polícia durante os protestos, o caos e violência tivessem sido maiores.

A questão da ‘violência’ e do ‘uso da força’ ficou bastante em evidência em nossa análise. Através dos discursos da população, quando justificado, o ‘uso da força’ (e não a ‘violência’) é tolerado, e até considerado necessário. Imprensa e parte da população defenderam a ação da polícia contra os *black blocs*, que agiram com bastante violência contra os patrimônios público e privado. Entretanto, quando a violência (aí sim chamada ‘violência’) foi dirigida aos manifestantes (afinal, é possível distinguir quem é manifestante pacífico e quem não é em um grupo de milhares de pessoas?), foi condenada pela população. Nota-se que, se aplicado a determinados grupos e a outros não, o ‘uso da força’ é valor eufórico. Nesse caso, o ‘uso da força’ é valor eufórico quando dirigido a ‘bandidos’, enquanto a ‘violência’ é valor disfórico quando dirigido a ‘pessoas de bem’. Cabe ressaltar que não é a qualidade da força que faz com que a expressão mude, mas a quem ela é dirigida.

Nesse sentido, de acordo com nossa análise, parte fundamental da função de um agente policial é manter e/ou instaurar a ordem. Estando em uma situação de desvantagem, milhares de manifestantes contra centenas de policiais, em que parte dos manifestantes atea fogo, quebra e destrói patrimônio público e privado, de que outra forma poderia agir? A polícia porta armas para quê, afinal? Não existiria outra maneira de agir para manutenção/instauração de ordem em uma situação como essa. Nessa esteira, não há consenso entre o que a população acredita ser parte da função policial e o que a população defende quando a polícia executa essa função: ‘uso da força’ é defendido como forma de instaurar a ordem, mas quando posto em prática, é repudiado.

As manifestações trouxeram à tona uma questão de ordem prática com relação a manifestações populares. O Brasil não é um país cuja população possua uma tradição de manifestações públicas. As manifestações de junho de 2013 foram apenas as terceiras grandes manifestações sociais realizadas pela população brasileira, precedidas apenas pelas Diretas Já (1983-1984) e pelo Impeachment de Collor (1992). Por isso, em 2013, a população ficou dividida perante o cenário das manifestações. Parte da população ficou maravilhada com a possibilidade de lutar por seus direitos. O que é legítimo, pois a ausência de uma tradição de se manifestar publicamente se reflete também na maneira como a sociedade se comporta no seu modo de vida. Outra parte da população julgava quem estava na rua protestando. Manifestantes foram taxados de “filhinhos de papai que não têm o que fazer”, “classe média revoltada”. O que também deve ser levado em conta. A parcela da população que paga o transporte de seu próprio bolso não representa a maioria<sup>6</sup>. Grande parte da população é assalariada e tem o transporte como benefício das empresas. Outra parcela da população que estava nas ruas se manifestando utiliza carros para se locomover. Estudantes pagam metade do valor da tarifa. O que deixa a seguinte questão: por que, então, se manifestar por uma coisa que não o/a afetará diretamente? Essa pergunta nos direciona para outra questão. Nos anos de 1983 e 1984, a população foi às ruas manifestar pelo direito de eleições diretas através de diversos protestos e conseguiu. Trinta anos depois, a população achar que ir às ruas garantirá a gratuidade do transporte público é de extrema ingenuidade. Trinta anos antes, o poder era concentrado. Caso quisesse lutar por algo, a população poderia se dirigir a alguém ou a alguma instituição para lutar por tal direito. Hoje em dia, as relações de poder estabelecidas são diferentes. O poder se encontra descentralizado. Para lutar pela gratuidade do transporte, dirige-se a quem? Com isso, ir às ruas não é mais efetivo, pois a questão é mais complexa do que se imagina. A concessão dos transportes é realizada a empresas privadas, isto é, o governo permite que essas empresas tomem conta da rede de transportes públicos. Quando há a necessidade de aumento da tarifa, essas empresas pressionam o governo, que é pressionado de volta pela população. Caso não haja aumento, as empresas privadas podem simplesmente desistir da concessão. Se isso ocorrer, quem fornecerá os ônibus para a população? E, no caso de protestos, com e contra quem os manifestantes devem lutar? Isso mostra o quanto são delicadas e complexas as relações de poder estabelecidas em nossa sociedade. Portanto, essas e outras

---

<sup>6</sup> Segundo o IBGE (PME, abril de 2014), apenas 17,8% trabalham por conta própria e apenas 8,4% não têm carteira assinada no setor privado. A maioria da população ocupada (55%) tem carteira assinada e conta com o benefício do vale-transporte.

manifestações causam apenas euforia na população, que vislumbra lutar e conseguir algum direito, e mais desgaste na relação da população com a polícia, que é obrigada a cumprir sua função, intervindo para manter/instaurar a ordem.

Demonstremos a questão da ineficácia das manifestações. Em 2013, o povo foi às ruas e foi revogado o aumento de 20 centavos das tarifas das passagens. Entretanto, aumentou-se o valor do IPTU e de outros impostos, isto é, não houve ganho efetivo: o aumento que seria da passagem passou aos impostos. Os governos municipal e estadual de São Paulo esperaram o ‘alarde’ de 2013 diminuir e, em janeiro de 2015, época de conclusão desse trabalho, aumentou novamente as tarifas de ônibus, trem e metrô, dessa vez em 50 centavos. Ou seja, não só houve aumento de impostos em 2013 como houve um aumento de maior valor da tarifa da passagem em 2015. Pode-se pensar que houve um ganho, já que a gratuidade do transporte foi concedida a estudantes de baixa renda da cidade. Mas quem/quantos são esses estudantes de baixa renda? São estudantes da rede pública que possuem como renda familiar um ganho de até 1,5 salários mínimos (que nessa situação são considerados de ‘baixa renda’, mas que, oficialmente, de acordo com definição estabelecida em 2012 pela Secretaria de Ações Estratégicas, são considerados ‘classe média’ indivíduos com renda *per capita* entre R\$291 e R\$1.091). Portanto, a parcela da população que irá usufruir da gratuidade do transporte é limitada a um número relativamente pequeno de indivíduos.

Apesar do inexistente ganho conseguido pelas manifestações, São Paulo foi, mais uma vez em janeiro de 2015, palco de outros protestos organizados pelo MPL. A violência, agressões, depredações, prisões não foram diferentes. Bombas de efeito moral, tiros de balas de borracha, pedras atiradas em lojas, bancos, viaturas e veículos do transporte público, tudo isso foi semelhante às manifestações de 2013. A diferença está na força do movimento, que continua protestando em diversas cidades do país onde houve aumento da tarifa em 2015, mas que se enfraqueceu, realizando manifestações com número bastante reduzido de pessoas. Isso nos mostra que é necessário, agora, que se criem novas maneiras de se manifestar, de lutar por direitos. Atos públicos e sociais não são mais maneiras viáveis de se manifestar por direitos, pelo menos não no Brasil, segundo sugerem os dados desta pesquisa e neste momento histórico-social em que vivemos.

## As imagens do policial

Nesse trabalho, esboçamos imagens do policial militar através de comentários realizados no período das manifestações, ou seja, um período em que a figura do policial e suas ações ficaram em evidência. Nessa época, as ações cometidas pelos policiais foram duramente criticadas pela mídia rádio televisiva, impressa e virtual e pela população através de redes sociais.

Em nossa análise, utilizamo-nos da figurativização e tematização para traçar diferentes representações das imagens do policial, através de sua perspectiva e da população. Como dito anteriormente, é interessante notar que um mesmo traço pode constituir tanto um valor eufórico quanto disfórico, dependendo de como é construído o enunciado.

Esboçamos, assim, imagens de um policial que deseja ocupar a posição de cidadão, o que não é possível, pois sua posição implica na dualidade “nós” vs. “eles”. Nesse sentido, esse desejo faz com que alguns cidadãos se identifiquem com a imagem do policial, uma vez que ambos possuem hábitos semelhantes. Temos ainda uma imagem de um policial que é utilizado como instrumento de outro sujeito para a obtenção de um fim: instaurar/manter a ordem. Além disso, é movido pela arrogância e pela posição que ocupa a fim de cometer atos de violência. Essas imagens constituem representações da ‘realidade’ da figura do policial.

Com relação às representações sobre o ideal da figura do policial, temos policiais que devem cumprir com um papel de herói para proteger e defender a população. Devem ter consciência crítica e uma postura profissional, além de manter a ordem. Devem ser mais bem equipados e treinados. E, por fim, devem utilizar da força contra grupos que ‘mereçam’, e não contra pessoas consideradas ‘de bem’.

Notamos que, quando os valores são eufóricos, temos imagens de policiais projetadas como seres equilibrados: mantêm a ordem, são tidos como heróis, possuem hábitos como o de qualquer outro cidadão. No entanto, quando os valores são disfóricos, são projetados como sem

equilíbrio, oscilando entre o **excesso** ou a **falta**: são despreparados (falta de preparo), abusam da autoridade (excesso de autoridade), são covardes (falta de coragem), brutais e truculentos (excesso de força), arrogantes (excesso de autoridade)<sup>7</sup>, intransigentes (falta de tolerância).

Ao estar em evidência, o policial trouxe também para o foco da mídia diferentes concepções de violência. Como dito anteriormente, notamos em nossa análise usos de expressões diferentes na referência a um único sentido. Quando a força empregada pelos policiais é dirigida a pessoas consideradas ‘de bem’, nesse caso os manifestantes, a expressão utilizada é *violência*, ou seja, policiais cometeram *atos de violência* contra os manifestantes durante os protestos. Entretanto, quando a força é dirigida a pessoas que ‘mereçam’, como mencionado nos comentários, a expressão utilizada é *uso da força*, ou seja, contra bandidos os policiais devem se utilizar da *força*. As ações tomadas pelos policiais teriam sido as mesmas nos dois casos; o que promove a diferença na utilização das expressões é contra quais grupos essas ações são dirigidas.

---

<sup>7</sup> No *corpus*, a “arrogância” é usada no sentido de mal e excessivo uso da autoridade, aparecendo no texto sempre associada a expressões como, “carteirada”, “ordem da autoridade”, “acima da população”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve por objetivo compreender as diversas imagens do policial a partir de comentários feitos em um blog. Na análise, contrastamos valores eufóricos e disfóricos das imagens dos policiais; procuramos estabelecer generalizações com relação à tematização e à figurativização dos comentários; e refletimos sobre as tensões das manifestações. A análise nos levou a uma conclusão inicial sobre as imagens do policial militar.

A análise do corpus mostrou que nos discursos dos policiais, há certo consenso com relação às imagens encontradas em seus comentários. Os valores eufóricos e disfóricos estão em harmonia nas imagens do ‘ser’, ‘fazer’, ‘dever-ser’ e ‘dever-fazer’ policial. De acordo com seu discurso, deseja ser cidadão, é utilizado como instrumento, o que o faz sentir-se como “marionetes”, deve ter senso crítico, postura profissional e ser respeitado, deve proteger a população e manter a ordem. Há uma exceção com relação à imagem de ‘burro’ do policial. Aqui a disparidade se encontra na negação (valor eufórico) e na aceitação (valor disfórico) da ‘burrice’ do policial.

Além disso, encontramos recorrências quando analisamos os valores eufóricos nos discursos de civis. Através deles, depreendemos imagens que corroboram para uma figura de um policial equilibrado, sem faltas ou excessos. Por outro lado, ao analisarmos os valores disfóricos encontrados nos comentários feitos por civis, traçamos imagens de policiais que agem e se caracterizam como oscilando da falta ao excesso, nunca em equilíbrio.

Como dito anteriormente, os protestos se constituíram por grupos heterogêneos. Poder-se-ia pensar que seria possível traçar um paralelo entre essa diversidade de manifestantes e a disparidade dos comentários, uma vez que o espectro traçado da imagem do policial nos comentários abrange desde “assassinos” até “super-heróis”. No entanto, não se pode distinguir com clareza a qual grupo político pertencem (se é que pertencem a algum grupo que participou do movimento) as pessoas que comentaram no blog.

No processo de análise, notamos também outras questões que, devido ao recorte, não nos coube analisar, mas que seriam interessantes em outras pesquisas futuras. Entre elas, duas podem ser particularmente produtivas: Além das imagens do policial militar, que imagens as pessoas

que comentaram têm do 'cidadão' e do chamado 'cidadão de bem'? Que questões ideológicas estão envolvidas? De que forma se estruturam as discussões entre os sujeitos em um texto desse gênero e quais são as questões ideológicas envolvidas no processo?

Essas e outras questões são bastante relevantes e, diante dos protestos deste ano, ainda não podemos estabelecer em quais proporções esses eventos se darão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barros, D. L. (2010). *Teoria Semiótica do Texto* (4ª ed.). São Paulo: Ática.

BRASIL, IBGE. (22 de Maio de 2014). *Pesquisa Mensal de Emprego*. Fonte: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).

DaMatta, R. (1986). *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.

Fiorin, J. L. (1988). *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática.

Fiorin, J. L. (1989). *Elementos da Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto.

Greimas, A. J., & Courtés, J. (2012). *Dicionário de Semiótica* (2ª ed.). São Paulo: Contexto.

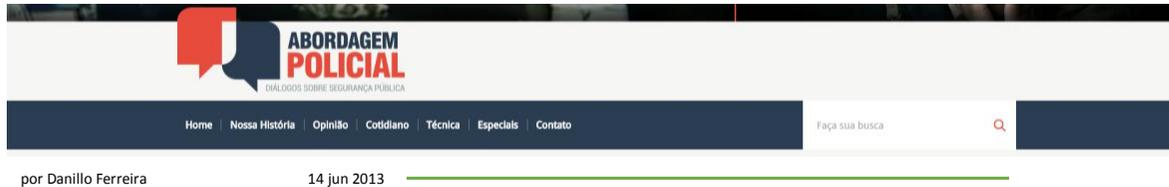
Tambelli, T. (Diretor). (2014). *20 Centavos* [Filme Cinematográfico].

Wainer, J. (Diretor). (2014). *Junho - O mês que abalou o Brasil* [Filme Cinematográfico].

Welle, D. (s.d.). *Carta Capital*. Acesso em 9 de 12 de 2014, disponível em Carta Capital: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/acao-da-policia-reflete-violencia-inerente-a-estrutura-social-brasileira-dizem-especialistas-8589.html>

# ANEXOS

## Anexo 1 – Corpus



Ser policial e andar com uma lupa de análise política no bolso quase sempre é trágico. Leva-nos a conflitos internos, terremotos morais, furacões éticos. Sim: estou falando da atuação da Polícia Militar do Estado de São Paulo, digo, estou falando da minha atuação nos protestos em favor da redução das tarifas de transporte público em São Paulo.

No front, companheiros, sabemos todos nós policiais (caso este texto seja publicado), no front não há raciocínio. “A determinação é desocupar a Avenida”. Um sentimento de dever nos une, e a determinação será cumprida. Deve ser cumprida. Por nós, que pegamos ônibus e metrô, e somos pouquíssimos partidários dos governos: são eles, afinal, que nos submetem a condições de trabalho questionáveis, que nos pagam salários inadequados com a natureza da função que exercemos, que incita a polícia a agir, mas que degola o primeiro que parecer abusivo à opinião pública. Afinal, soldado morto, farda noutra.

Vi baderneiros e atos descontrolados de manifestantes: danos desnecessários, resistências à ação policial, incitação à violência. Cá para nós, coisa natural em protestos e manifestações contra os governos. Diferentemente de tropas militares, manifestantes civis em reivindicações não possuem controle central, determinação uniformizada de ordens. Diferentemente da polícia, que quando é violenta com certeza acata a um interesse específico, a população em protesto pode tender à irresponsabilidade de uns poucos. E isto não deslegitima a causa.

Vi policiais assumindo a lógica “nós contra eles”, como se na guerra estivessem, vi colegas ingenuamente assumindo-se engrenagem de uma máquina que está longe de ter como fim “a manutenção da ordem pública”. Vi o despendimento de uma estrutura militar significativa para calar a voz de cidadãos, para evitar sua permanência no espaço público, para negar a insatisfação que, lá em nosso âmago, faz parte de cada policial militar (salvo alguns que, certamente, estão bem privilegiados nos altos escalões de poder).

Cumprimos ordens, é verdade, mas elas pelo menos devem ser investigadas quanto às suas naturezas, quanto ao que representam politicamente, quanto a seus desdobramentos sociais. Ouço colegas dizerem que, “se os baderneiros são violentos, não podemos nos omitir, a repressão deve ocorrer, a violência tem que ser devolvida”. Obviamente, permitir-se apanhar é absurdo: tão absurdo que não sei se alguém acha mesmo que pedir respeito à manifestação popular significa pedir para apanhar. Mas a violência institucional policial, que, repito, é organizada e obedece a um comando central, é uma contradição do ponto de vista dos fins da própria instituição, que está sustentada (a princípio) na produção da paz.

Policiais são profissionais, têm deveres, modo de atuação especificado, direitos a garantir, deveres a fazer cumprir. A sociedade, neste momento se reconhecendo enquanto corpo político reivindicatório, tem um elemento que vez ou outra surge, sempre incomodando bastante quem quer as coisas do modo que elas estão: ideal, coragem política e insatisfação coletiva. Como deveria ser a relação entre esses dois setores da mesma sociedade?

Sou a favor do que defendem os manifestantes. Sou a favor da ação policial que evite ações violentas de manifestantes. Sou a favor de ações policiais não violentas. Sou a favor que cada policial militar paulista reflita sobre o que representa seu bastão erguido, seu espargidor acionado, seu tiro de borracha disparado. Trabalhamos para sobreviver, sem nossa profissão, não sustentaríamos nossas famílias, mas não é pequeno o conflito existencial de quem percebe que está jogando, porque é obrigado a jogar, o jogo de uns poucos, encerrados em seus gabinetes, presos afetiva e ambiciosamente à cadeira do poder. Lamento, tristeza e vergonha.

\*\*\*

*A carta acima foi recebida pelo Abordagem Policial de um leitor anônimo, de modo que não podemos afirmar a veracidade de qualquer ponto explicitado no texto. Pela temática e peculiar posição defendida pelo autor, resolvemos publicá-la.*

CTDC Erro policial Protestos 2013 São Paulo Tarifa Transporte



**Danillo Ferreira**  
Cofundador do Abordagem Policial, Oficial da Polícia Militar da Bahia e associado ao Fórum Brasileiro de Segurança Pública.  
Contato: [abordagempolicial@gmail.com](mailto:abordagempolicial@gmail.com)

## Comments

 Por Guilhermefmp | em 14 de junho de 2013

kkkkkk , Os mesmos pms que tocam o terror nos manifestantes são todos quebrados e precisam pegar busão e metro pra ir pro trampo... como diria o lendário zé ramalho “ôô, vida de gado” fuuiz

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |

 Por Fulano | em 14 de junho de 2013

Comentário A PM deveria ser extinta e re- aproveitar seus servidores como guardas municipais” porte de arma somente em caso excepcionais” a tropa do exercito deveria fazer o papel da polícia militar. O exercito é a instituição mais respeitada e confiável do BRASIL, Cena como essa deve ser comum como no caso dos moleques que brincavam com a viatura. Isso constitui-se um tapa na cara da sociedade que paga uma das mais altas cargas tributarias do mundo. Obs: Ainda vejo alguns nesse blog que se acham o rei só por vestir uma farda e ficam aqui arrotando sua truculência e se aut o glorificando por bater, etc.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |

 Por Adriano Andrade | em 14 de junho de 2013

Sou a favor de reunir o máximo de brasileiros, em vários estados, para fazermos manifestações públicas e passeatas por melhores salários dos Policiais Militares. Quero ver quem o Estado vai mandar para oprimir direitos na base da borracha e da pimenta.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |

 Por SD PM BA | em 14 de junho de 2013

Vou reaproveitar o que coloquei na outra postagem sobre o mesmo tema:

Pessoal, não esqueçam que nós policiais também fazemos parte da sociedade, estamos vendo o que essa mídia manipulada está dizendo, e todos nós sabemos que eles falam a favor de quem paga mais. O Estado é um dos principais investidores dessas redes de comunicações de que lado vocês acham que ela estaria? Nossa missão é preservar a paz, porém não temos que ter viseiras, a população está brigando por um direito, coisa que deveria ser aplaudida, se tivesse exemplos de manifestações assim a favor do fim da corrupção no Brasil e o fim de várias mazelas que acontecem na nossa nação tenho certeza que teríamos uma sociedade muito melhor. É muito fácil massacrar “legitimamente” pessoas que se reúnem para chamar atenção do Brasil que algo está errado, difícil é fazer esse massacre com os políticos que estamos cansados de saber que roubam e tiram o dinheiro de todos nós cidadãos de bem mas isso a gente fecha o olho, e não só fechamos os olhos como devemos também dizer sim senhor e não senhor a todas as ordens desses “representantes da nossa nação”

que sabemos que são os piores bandidos. Na greve da PM aqui da Bahia, nós vimos como as informações são manipuladas e distorcidas a favor do Estado, fomos taxados de vândalos assim como todos esses manifestantes, colocaram a nossa própria polícia (as cipes) contra nós mesmos, acusaram varios colegas de fardas, entre diversas outras coisas, mas a gente só enxerga a realidade quando acontece com a gente, lá em SP, longe de nós a informação chega como eles bem querem que cheguem. Por favor abram seus olhos, só seremos livres dessa escória que comandam o Brasil quando tivermos esse e senso crítico. Vamos acordar guerreiros, somos soldados mas não somos burros.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |



Por Papa Mike/ SP - Patrulheiro | em 16 de outubro de 2013 Parabens pela postura.

Nos Policiais temos que manter a postura o mais profissional possivel.

Não podemos continuar com essa mentalidade de Sr não Sr, temos que agir de acordo com a lei, ou seja, defendemos os interesses da maioria e a legalidade. Atos de vandalismo, deve ser tomada as medidas cabiveis.

O manifestante sabe muito bem quais as consequencias dos seus atos, na medida que a tropa recua na postura, o manifestante cria coragem e vem para cima.

Nos somos Policiais e temos que ser respeitados como tal, portanto manifestante que parte para agressão contra um Policial não pode esperar outro tipo de reação a não ser violencia.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |

---

 Por Igor | em 14 de junho de 2013

Fico muito puto quando vejo comentários de policiais extremamente corporativistas e já sem a menor noção do que é estar do outro lado da farda. Saibam que vocês, que se acham donos do mundo quando colocam a farda, estão com os dias contados, assim como político corrupto. Já aos policiais de bem, que entraram na polícia com o propósito de ajudar ao próximo e salvar vidas, mas se viram presos em um jogo de leis arcaicas e interesses poderosos, a população respeita vocês e espera que vocês sejam 100% do que um dia vamos chamar de polícia!

Para mostrar um poquinho da intensão da grande maioria dos protestantes, sim, não são 100% os corretos, mas vocês mais do que ninguém sabem como funciona essa matemática, sugiro o vídeo abaixo:  
<http://www.youtube.com/watch?v=ydnaOK2SSes>

| Responder | Compartilhar |

---

 Por Marcus Pessoa | em 14 de junho de 2013

O correto é pedir a extinção da Polícia Militar, uma excrecência autoritária que não existe em nenhum país democrático.

| Responder | Compartilhar |

---

 Por Lucas | em 14 de junho de 2013

“Polícia” e “Política” são palavras que em grego possuem o mesmo significado. A polícia nada mais é do que um braço criado pelo Estado para protegê-lo. O lema “Para servir e proteger” refere-se ao Estado e não a população. Se a defesa de um cidadão civil estiver direta ou indiretamente ligada com a defesa do Estado (em um sequestro, por exemplo) a polícia irá defender o civil visando a defesa do Estado. Uma manifestação civil (seja ela pacífica ou não) não defende o Estado, nem está alinhada com seus interesses. Sendo assim a polícia irá agir com todos os meios necessários para acabar com a manifestação. Ou seja, a prioridade da polícia é a defesa do Estado, não da população civil. Simples assim. There is no justice. Just us.

| Responder | Compartilhar |

---

 Por Davi Godoy | em 14 de junho de 2013

Nojo desta carta! Uma verdadeira vergonha! Quando a policia está de greve ela pede apoio da população, mas quando a população se levanta a policia esquece da greve! Vinagre faz mal a quem? Onde diz que se defender é crime? O que vi ontem foi um bando de doentes mentais empunhando armas e a tirando a esmo! Como se estivessem no seriado “The Walking Dead” Nojo, nojo, nojo!

| Responder | Compartilhar |

---

 Por COMBATENTE | em 14 de junho de 2013

marcus pessoa

Se extinguir a GLORIOSA POLÍCIA MILITAR, você vai pedir socorro a quem quando estiver em perigo?! Vai ligar para o “Batman”?!

| Responder | Compartilhar |

---

 Por Sociedade | em 14 de junho de 2013

O que o Brasil ultimamente vem mostrando para o mundo, é que aqui se hospedam os políticos mais corruptos do planeta (vide mensalão), a polícia mais despreparada e truculenta (vide manifestações no RJ e SP), sistemas falidos na Educação, Saúde e segurança Pública, e por fim, já vem dando visíveis sinais do tamanho do fracasso (devido à péssima gestão nas reformas/construções dos estádios que sediarão os jogos) das duas copas que estão prestes a ocorrer, das quais, e sem estar devidamente preparado, nosso país será anfitrião. Mas, que importa isso se o mais importante é ter pão e circo, né mesmo? Só que já começamos a sentir no bolso o preço amargo desta ganância irresponsavelmente descontrolada, tanto nos supermercados, postos de gasolina, sacolões quanto nas passagens de ônibus.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |



Por Bruno | em 14 de junho de 2013

Como sempre as agressões e conflitos começam pela intransigência e abuso de autoridade da polícia.

A isso, dá-se o nome de covardia.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |



Por Fábio | em 14 de junho de 2013

é isso que dar pagar salário de miséria para a PM, como eles não podem ir a forra em cima do governo e dos seus superiores, o jeito é se vingar, partindo pra cima do cidadão que manifesta em defesa de seus direitos e até dos direitos dos próprios pms, como é o caso do aumento das passagens.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |



Por SP PM PB | em 14 de junho de 2013

Parabéns Lucas pelo seu excelente comentário. Vejo que você é o único dotado de lucidez entre os comentaristas que deixaram sua opinião acima. Porém, se você for policial, saia da corporação. Os integrantes desta força não toleram pessoas com mente aberta e que enxergam as cordas de marionetes que estão atadas aos nossos punhos. Somos meros cães, adestrados para defender o dono (governo), mesmo que este seja corrupto ou ditatorial, até o dia que somos enxotados na sarjeta, velhos e imprestáveis, ou somos tratados como cães raivosos quando nossas ações caem nas graças da mídia e levados ao sacrifício (processo e exclusão). Uma pena.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |



Por marcopolo | em 14 de junho de 2013

Muito bom o texto, policiais e manifestantes só estão dando exemplo de como somos idiotas, povo contra povo!! não seria a hora dos policiais mostrarem sua insatisfação contra estes governos? precisamos usar mais a massa encefálica ao invés dos músculos.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |



Por Jordão Vieira (Quero ser Polícia) | em 14 de junho de 2013

Policial sensato! É inevitável se eximir desta contradição entre polícia e sociedade .. esta demanda é histórica e não vai ser resolvida por agora. Contudo, este mesmo polícia faz parte desta sociedade e sobrevive do seu emprego, que está submetido ao Estado. Não é fácil esta vida parceiros ...

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |



Por Papa Mike/ SP – Patrulheiro | em 16 de outubro de 2013

Jordão.....O Policial não esta submetido ao estado, ele deve defender o cumprimento da lei e a sociedade, entretanto dever ser profissional, se o cidadão passa dos limites ele deve agir . Quando vc trabalha dentro da lei , não ha o que temer.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |

---



Por José Cândido - PM | em 14 de junho de 2013

Sou da época da ética e da educação. Mas, infelizmente, nossos quadros estão repletos de PMs com carência de bom senso.

Colegas, ganhamos mal pra caralho! Nem podemos fazer greve que é motim. Dá cadeia e expulsão. Somos paus mandados de um gover no corrupto. Não é preciso ser muito inteligente para perceber isso.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |

---



Por Davi | em 15 de junho de 2013

Eder deixa de ser burro cara, o Exército é a maior força militar que temos nesse país, infelizmente ele não é respeitado como deveria ser, quem fazem essas operações na fronteira não são soldados, são Sargentos e Oficias, que são treinados e altamente qualificados para tais missões. Quero ver um Militar do EB virar de lado, como fazem muitos Policiais por ai que vemos todos os dias, que deixam a farda pra trocar de lado e virar bandido.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |

---

 Por Ubirajara Menezes | em 15 de junho de 2013

Não acredito no que estou lendo! EB com poder de Policia? O que o “Fulano” escreveu é de tamanha ignorância. Façamos um juízo de valores e, vejam em quem estão votando! Os mesmos que dizem extinguir a força policial, são os mesmos que furam a fila, que quando abordados com seus veículos sem documentação, perguntam se podem resolver no local (propri na), que trocam seus votos em favores pessoais, que, em campanha política, pede uma caixinha de cerveja para a festinha na comunidade, que ao acharem uma carteira de documentos com dinheiro, jogam a carteira em um canto (sem o dinheiro é claro), que em onibus cheio, ao avistarem uma gestante ou idoso, fingem estarem dormindo, quando recebem o troco errado, com dinheiro a mais, se sentem o esperto e não devolvem, etc.. Deixemos de ser hipócritas! A Policia, ou melhor, o cidadão que tem como profissão ser Policial, são cumpridores de ordens. Quem vai abordar um suspeito com rosas nas mãos? Quem acha que na corporação só existam Robocop? Somos seres, com os mesmos sentimentos, angustias, medos e necessidades. Sair de casa para cumprir com seu dever e, sem a certeza de retornar, não significa, como muitos declaram, que temos sangue no olho, dedo coçando. Façam o seguinte: Quando houver a necessidade de um auxílio policial, liguem para o Batman, para o super homem. Talvez eles os tratem com buques de rosas e sorriso aberto.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |

---

 Por Dijitador | em 15 de junho de 2013

Esta carta foi um dos textos mais importantes sobre os protestos que li até agora! Muito esclarecedor e nos dá uma perspectiva mais ampla – principalmente lendo os comentários nele postados! Na verdade, de certa forma, reforça o que eu já imaginava e defendia: a polícia é refém do poder, assim como o cidadão, e ambos precisam ver a coisa de modo mais crítico, mais abrangente. O mal dos protestos é que geralmente não são devidamente organizados (talvez nem haja como), gerando pontos fracos ou falhos, onde as ações de controle por parte do poder público, via força policial, não considera o todo, mas as partes, atuando principalmente nelas, o que, involuntariamente, acaba evidenciando esses pontos. É a força política (os homens do poder, que manipulam as situações em benefício próprio), tentando enfrentar uma força não política e não organizada (os manifestantes) por meio de agentes sem autonomia para raciocinar. O conflito é inevitável. A ideia do Adriano Andrade, de protestar não só pela redução das passagens, mas também pela melhoria dos salários dos policiais, me pareceu bem interessante: seria bem estratégico, inteligente. Tenho diversos amigos e até parente policial, e pra mim, são todos pessoas de bem, honestas, trabalhadoras e solidárias. Não podemos generalizar e ver os policiais como inimigos, pois somos todos irmãos, todos queremos um país melhor, é só questão de nos entendermos e lutar contra o verdadeiro vilão: quem não quer o bem coletivo, os corruptos e políticos sanguinários, que, pra mim, todos são assassinos.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |

---

 Por Lucas | em 15 de junho de 2013

Nas raras vezes que chamei a polícia para alguma coisa passei foi raiva. Me desculpem. Sei que existem bons policiais militares e que vocês sofrem muito, mas quando o povo realmente precisa de vocês o resultado esperado não chega nem perto de ser atingido. Uma vez fui assaltado e segundos depois avistei alguns policiais militares. Foi fácil achar os assaltantes e levá-los. Antes tivessem fugido. 1- Fui levado para a delegacia no mesmo carro e ao lado dos bandidos. 2- O B.O foi feito numa sala pequena onde eu tive que dar meu endereço, telefone, etc na frente dos bandidos. 3- Fiquei horas na delegacia. 4- Não recuperei meus pertences. 5- O próprio policial que me atendeu disse que os bandidos não ficariam mais do que 3 dias presos. 6- Aposto que os bandidos continuam fazendo assaltos. Se não existisse polícia: 1- Eu voltava pra casa. 2- Juntava uns amigos 3- Pegava os bandidos e descia o cacete. 4- Esses bandidos pensariam 10 vezes antes de tentar um novo assalto. Ultimamente as ações da polícia são muito mais CONTRA a população do que a seu favor. Além disso não conheço NENHUM policial que realmente entenda o conceito de ser polícia. Ser policial é servir, o mínimo que um policial deveria fazer é ler o Hagakure antes de entrar nessa profissão, e pensar que no caso, o senhor do policial é o povo.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |

---

 Por Jussara | em 15 de junho de 2013

Então, quer dizer que os policias trabalham como se fossem burros isentos de criticidade? Tá. Mas e na virada cultural? Parece que eles tiveram autonomia o bastante em decidir não fazerem NADA contra os inúmeros assaltos e arrastões que aconteciam. Na real, essa confissão de acefalia não cola. Não tem essa de se eximir da culpa, qualquer topeira sabe que o que aconteceu na última quinta foi uma agressividade covarde brutal que não condiz com a garantia do bem estar da população. O governo pode ser a pior coisa que temos, mas a execução de suas ordens foi feita com crueldade sim.

| Responder | Compartilhar |

---

 Por Dimitri Barros Guandalim | em 15 de junho de 2013

Parabéns pela coragem e pelo excelente raciocínio, muito profundo e com uma argumentação muito bem construída e encadeada. Você deve ser corajoso e uma pessoa com um profundo senso de dever social, pois o trabalho de policiamento é uma função de enorme importância. O modelo institucional de polícia que temos é flagrantemente arcaico e inadequado para uma sociedade que caminha cada vez mais para uma democracia, coisa que os protestos muito bem comprovam. É uma pena que toda a culpa caia em cima somente das instituições policiais, já que são elas que mantêm um contato direto com a população e, dessa maneira, são mais expostas publicamente. Não nos devemos esquecer que os membros da classe política são as autoridades máximas de comando das Polícias Militares.

| Responder | Compartilhar |

---

 Por Espartano | em 15 de junho de 2013

Quero deixar meus parabens ao autor do texto. Além de policial, um sujeito com consciencia cidadã e honrado. Parceiro, tudo de bom pra voce! E espero que voce seja só mais um entre muitos que queremos ter ao lado. Abs!

| Responder | Compartilhar |

---

 Por Felipe | em 15 de junho de 2013

Por favor policiais, fiquem do lado da população! Aproveitem esse momento histórico para limpar essa mancha negra que paira sobre a corporação. O cidadão quer e merece uma polícia que sirva para proteger e não para apedrejar. E esse deve ser o papel da polícia no seu exercício, seja em manifestações populares ou não: proteger, manter a ordem garantindo a integridade de todos os cidadãos de bem, sem excessos, sempre prezando pelo diálogo que é muito mais eficiente que gás lacrimogênio e bala de borracha. A polícia não deve ser um mero braço repressor do estado, isto não condiz mais com a pós-modernidade. Deixemos a truculência para lidar com verdadeiros bandidos que ofereçam risco à vida do policial. Todos estamos no mesmo barco, num país recheado de impunidade e corrupção e é de direito que todos nós possamos cobrar das autoridades que elegemos outrora, um país mais justo, igualitário e, conseqüentemente, uma polícia cada vez melhor, bem equipada e com salários dignos. Protejam a população, que esta não exitará em manifestar-se a favor da melhoria das condições de trabalho do policial, isso sem falar em respeito e admiração advindos da conduta justa do poder executivo. Abs!

| Responder | Compartilhar |

---

 Por solidariedade com manifestantes | em 15 de junho de 2013

- 1 – Depois do protesto de anteontem contra o aumento na tarifa do transporte em São Paulo, marcado pela repressão violenta da Polícia Militar, diversas instituições declararam apoio aos manifestantes.
- 2 – O centro acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito do largo São Francisco, da USP, promoveu encontro com estudantes da própria instituição, além de PUC, FGV e Mackenzie, em que decidiram pela criação de um centro de apoio jurídico aos detidos nos protestos.
- 3 – Vinte e um professores da USP também divulgaram abaixo-assinado em que classificam os detidos nos atos como “presos políticos de [Geraldo] Alckmin” e defendem sua liberação. “Um verdadeiro Estado de Direito não pode admitir esse tipo de comportamento.”
- 4 – Vários advogados também se apresentaram voluntariamente para defender detidos nas manifestações.
- 5 – Um deles, Guilherme Silveira Braga, diz que foram feitos plantões em distritos policiais para auxiliar os presos. O grupo estuda como propor uma ação para responsabilizar o comando da PM por prisões consideradas arbitrárias.
- 6 – Na internet, foram convocadas manifestações em países da Europa. Outra, convida para a Marcha do Vinagre, em referência a manifestantes detidos por carregar o produto –que alivia efeitos do gás lacrimogênio.
- 7 – o diretor da Anistia Internacional para a Europa, John Dalhuisen, criticou práticas adotadas pelos militares no confronto de anteontem. “A polícia não pode, por exemplo, usar gás lacrimogênio contra a multidão de maneira indiscriminada”, afirmou.

AVANTE MANIFESTANTES. VOCÊS ESTÃO GANHANDO APOIO.

AVANTE CONTRA O ESTADO IRRESPONSÁVEL E CORRUPTO.

AVANTE CONTRA A PM TRUCULENTA E ACÉFALA.

| Responder | Compartilhar |

---

 Por solidariedade com manifestantes | em 15 de junho de 2013

a-polon

Até que a situação da PM é mais complicada. Lá no Rio os bombeiros tiveram problemas, mas em tempo recorde conseguiram MILHÕES de assinaturas. Pessoas marcharam nas ruas por eles. SÃO AMADOS. O problema é saber se a sociedade faria o mesmo pela PM. O senhor até que tem um pouco de razão. Mas eu assinaria anistia para quem me ajudasse. SEM DÚVIDAS. Por que aí se trata de um PM consciente.

| Responder | Compartilhar |



Por Sandra | em 15 de junho de 2013

Pela extinção da Polícia Militar

No final do mês de maio, o Conselho de Direitos Humanos da ONU sugeriu a pura e simples extinção da Polícia Militar no Brasil. Para vários membros do conselho (como Dinamarca, Espanha e Coreia do Sul), estava claro que a própria existência de uma polícia militar era uma aberração só explicável pela dificuldade crônica do Brasil de livrar-se das amarras institucionais produzidas pela ditadura.

No resto do mundo, uma polícia militar é, normalmente, a corporação que exerce a função de polícia no interior das Forças Armadas. Nesse sentido, seu espaço de ação costuma restringir-se às instalações militares, aos prédios públicos e aos seus membros.

Apenas em situações de guerra e exceção, a Polícia Militar pode ampliar o escopo de sua atuação para fora dos quartéis e da segurança de prédios públicos. No Brasil, principalmente depois da ditadura militar, a Polícia Militar paulatinamente consolidou sua posição de responsável pela completa extensão do policiamento urbano. Com isso, as portas estavam abertas para impor, à política de segurança interna, uma lógica militar.

Assim, quando a sociedade acorda periodicamente e se descobre vítima de violência da polícia em ações de mediação de conflitos sociais (como em Pinheirinho, na Cracolândia ou na USP) e em ações triviais de policiamento, de nada adianta pedir melhor “formação” da Polícia Militar. Dentro da lógica militar, as ações são plenamente justificadas. O único detalhe é que a população não equivale a um inimigo externo. Isto talvez explique por que, segundo pesquisa divulgada pelo Ipea, 62% dos entrevistados afirmaram não confiar ou confiar pouco na Polícia Militar. Da mesma forma, 51,5% dos entrevistados afirmaram que as abordagens de PMs são desrespeitosas e inadequadas. Como se não bastasse, a Folha de São Paulo mostrou no domingo que, em cinco anos, a Polícia Militar de São Paulo matou nove vezes mais do que toda a polícia norte-americana (“PM de SP mata mais que a polícia dos EUA”).

Ou seja, temos uma polícia que mata de maneira assustadora, que age de maneira truculenta e, mesmo assim (ou melhor, por isso mesmo), não é capaz de dar sensação de segurança à maioria da população.

É fato que há aqueles que não querem ouvir falar de extinção da PM por acreditar que a insegurança social pode ser diminuída com manifestações teatrais de força. São pessoas que não se sentem tocadas com o fato de nossa polícia torturar mais do que se torturava na ditadura militar. Tais pessoas continuarão a aplaudir todas as vezes em que a polícia brandir histericamente seu porrete. Até o dia em que o porrete acertar seus filhos.

Artigo publicado na Folha de São Paulo

| Responder | Compartilhar |



Por SDPM CESAR | em 15 de junho de 2013

Primeiramente” A palavra “polícia” tem origem no vocábulo latino “politia”, que, por sua vez, resultou da latinização da palavra grega [politeia], esta derivada de [polis] que significa “cidade”. Tanto “politia” como politeia significavam “governo de uma cidade”, “cidadania”, “administração pública” ou “política civil”. Na Grécia antiga, o termo [polissoos], significando “eu guardo uma cidade”) referia-se a uma pessoa encarregue da guarda urbana.

Art. 144 – A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos:

§ 5º – Às polícias militares cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública; aos corpos de bombeiros militares, além das atribuições definidas em lei, incumbe a execução de atividades de defesa civil.

Sem dúvida não há mais nada do que o propósito do momento presente. A vida inteira de um homem é feita de uma sucessão de momento após momento: se a pessoa entende completamente o momento presente, não haverá mais nada a fazer, e mais nada para se alcançar.

Então Lucas como diz no livro vc entende e sabe a solução para o problema que passamos e da policia???Sou PM de SP, sou a favor das manifestações ,desde que pacificas.Porque meus familiares e eu utilizamos esse serviço.Mas depredar ônibus( que são propriedade de empresários,que justificarão mais aumentos em decorrência disso tambem) e metro vai ajudar em que o protesto?? Enfrentar a polícia que esta sobre ordens do governador,este que representa o povo.É o reflexo do que é a sociedade,não adianta extinguir a policia pois ela vem dessa sociedade truculenta,a qual ateia fogo em alguém por não ter dinheiro,então uma coisa liga a outra,mas todo pensamento e válido quem sabe juntos não achamos uma resposta.A e não julgue antes de saber alguma coisa sobre o que fala, até mais...

| Responder | Compartilhar |



Por Leonam | em 15 de junho de 2013

Amigos é claro que a estrutura milenar da Polícia Militar precisa de uma mudança, mas acabar com ela ai já é absurdo! A não ser que mude o nome para outro mais apropriado como por exemplo, Força Policial, Polícia estadual, Força Pública, Oficiais de Segurança ou outro nome qualquer imaginação é que não falta para os legisladores, agora colocar o Exército ai é demais...Comentário

| Responder | Compartilhar |

---

 Por Rafael | em 15 de junho de 2013

A estrutura da PM não tem que mudar, ela tem é que ser extinta mesmo. Não faz o menor sentido uma Polícia Militar num Estado democrático.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |

---

 Por Valdemar Katayama Kjær | em 15 de junho de 2013

99% dos policiais são pessoas de bem. Assim como 99% dos que desejam se manifestar por mudanças profundas nesse País. Vamos eliminar os 1% de cada lado que estão pondo tudo a perder. Denunciemos os vândalos e os maus policiais, filmemos tudo. E PMs, não atirem, não prendam a esmo.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |

---

 Por Paulo Guedes | em 15 de junho de 2013

Infelizmente, o maior problema da PM não é se o policial é “de bem” ou não. O problema é a arrogância da instituição, influenciada pela arrogância do Estado. Um país democraticamente sério, no qual a liberdade individual é respeitada tanto quanto a ordem pública, as pessoas não podem ser presas por portarem vinagre. Um policial não o direito de apreender um cidadão e fazê-lo passar a noite na delegacia porque suspeita que “o líquido em sua posse não seja vinagre”.

O nosso sistema político, legal e executivo funciona na ordem da autoridade. Vereadores, deputados, embargadores aplicam diariamente a carteiraada e estão acima da população, quando na verdade deveriam estar ao lado, como servidores, não autoridades.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |

---

 Por Mateus Souza | em 15 de junho de 2013

Entendo que todas instituições tem suas “ovelhas negras”. Num primeiro momento condenei veemente ações de vândalos que faziam parte do protesto, porém, minha opinião mudou ao ver a violência e truculência empregadas pela PM mostrada ontem na TV. Porque agredir repórteres? Pessoas que não estavam no protesto? Porque jogar bombas e balas de borracha primeiro se o protesto estava pacífico (conforme uma coluna noticiária)? Concordo que se deve restaurar a ordem nem que pela força, mas o que vimos foram muitos atos de covardia... De ambos os lados... Quem poderia ter evitado isso fez o que? Nada. Nossos políticos não fizeram nada... Falta reflexão para todo mundo e para as forças policiais uma análise de suas reais funções e preparo para agir sem aumentar a baderna ao invés de diminuí-la. Quando bandidos atacam, o povo sempre defende os policiais (eu, pelo menos), então tá na hora de respeitar mais os cidadãos, afinal não é só em protestos que assistimos isso. No meu Estado, ocorreram vários casos escandalosos de violência policial desnecessária este ano, isso sem contar os casos anônimos. Falta profissionalismo para muitos.

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |

---

 Por Beto | em 15 de junho de 2013

“Quando a PM reage indiscriminadamente, aumenta e não diminui a desordem. Se cinco mil pessoas estão protestando e meia dúzia resolve cometer um ato de vandalismo, qual a resultado de uma reação indiscriminada da polícia? Teremos, em instantes, um crescimento de seis vândalos para cinco mil e seis revoltosos. A PM não age para colocar ordem, age como líquido inflamável em fogo.””

| [Responder](#) | [Compartilhar](#) |